



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

JONATHAN VIEIRA DA SILVA

**“Companheiros e companheiras, Ladies and Gentlemen”:  
uma análise dos discursos oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na  
arena internacional**

JOÃO PESSOA – PB  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

JONATHAN VIEIRA DA SILVA

**“Companheiros e companheiras, Ladies and Gentlemen”:  
uma análise dos discursos oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na  
arena internacional**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
à Coordenação do Curso de Bacharelado em  
Tradução da Universidade Federal da Paraíba  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Tradução por esta  
instituição.

**Orientador:** Prof. Dr. Roberto Carlos Assis

JOÃO PESSOA – PB

2015

S586c Silva, Jonathan Vieira da.

Companheiros e companheiras, Ladies and Gentlemen: uma análise dos discursos oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na arena internacional / Jonathan Vieira da Silva.- João Pessoa, 2015.

70f.

Orientador: Roberto Carlos Assis

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
UFPB/CCHLA

1. Silva, Luiz Inácio Lula da, 1945 - crítica e interpretação. 2. Tradução. 3. Tradução e poder. 4. Discurso político. 5. Discursos oficiais - análise e estudos da tradução.

UFPB/BC

CDU: 82.03(043.2)

JONATHAN VIEIRA DA SILVA

**“Companheiros e companheiras, Ladies and Gentlemen”:  
uma análise dos discursos oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na  
arena internacional**

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis  
(Professor Orientador - CCHLA/DLEM/UFPB)

---

Profa. Dra. Luciane Leipnitz  
(Professora Examinadora – CCHLA/DLEM/UFPB)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clélia Barqueta  
(Professora Examinadora - CCHLA/DLEM/UFPB)

JOÃOPESSOA/PB

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Não nos esqueçamos de que nunca seríamos o que somos se não tivéssemos tido o auxílio dos familiares, amigos e conhecidos que, nos orientando ou ajudando nas mais diversas decisões de nossas vidas, nos lapidam mesmo sem notar e nos enchem de energia mesmo sem perceber. Tenhamos, sempre, acima de tudo, humildade e ousadia misturada com muita prudência. Este é o maior dos ensinamentos que obtive através da grande quantidade de pessoas que me inspiram ser quem sou. Assim, agradeço ao Criador por proporcionar este momento tão esperado por mim e por todos aqueles que me acompanham nas minhas empreitadas nesta vida tão simples, munida, porém, de complexidades que me fazem querer entendê-la cada vez mais.

Dedico esta etapa vitoriosa aos meus pais, Jailson e Marinalva, e irmã, Juliane. Sou grato aos professores do Bacharelado em Tradução, que acabaram todos se tornando grandes orientadores durante toda a graduação, amigos e sujeitos inspiradores dos caminhos vitoriosos aos quais venho tendo acesso, de forma especial, eu agradeço ao professor Roberto Carlos de Assis, à professora Maura Regina Dourado, à professora Clélia Barqueta e à professora Luciane Leipnitz. Grato aos ternos amigos pelas palavras e ajudas sinceras ao longo de toda graduação, sempre repleta de inúmeras atividades e desafios, mas que me proporcionou uma evolução importantíssima pessoalmente, bem como profissionalmente, sempre me mostrando que sim eu posso me superar e ir contra as convenções!

*Pensamos demasiadamente  
Sentimos muito pouco  
Necessitamos mais de humildade  
Que de máquinas.  
Mais de bondade e ternura  
Que de inteligência.  
Sem isso,  
A vida se tornará violenta e  
Tudo se perderá.*

Charles Chaplin

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar a inserção do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na arena diplomática internacional tomando como mote para análise os seus discursos oficiais. O trabalho ancorou-se nos instrumentos teóricos e analíticos dos Estudos da Tradução e teve uma abordagem simultaneamente quantitativa e qualitativa. Foram privilegiadas as interseções entre relações políticas, trajetória de vida, diplomacia e tradução a partir da constatação da especificidade no modo de construção da fala de um personagem específico da história do Brasil: o ex-presidente Lula. O trabalho enfatizou as relações entre tradução, conflito e poder de modo a considerar as relações de poder intensas que constituem o campo diplomático, bem como indagou as particularidades e limites da tradução e do tradutor nesse contexto. Concluiu-se que não se mantiveram nem no texto de partida e tampouco no texto traduzido as particularidades evidenciadas nos discursos de circulação nacional e que são característicos do personagem. Uma hipótese para tal é a circulação dos discursos traduzidos em um público internacional, como a ONU. A isso acrescenta-se o rigor formal e o espaço de circulação do gênero textual analisado.

**Palavras-chave:** tradução e poder, discurso político, Lula.

## **ABSTRACT**

This monograph aimed to analyze the insertion of Brazilian ex-president Luiz Inacio Lula da Silva in the international diplomatic arena taking as a theme to analyze his official speeches. The study was based on the theoretical and analytical tools of Translation Studies and had both a quantitative and qualitative approach. The intersections between political relations, life courses, diplomacy and translation were privileged in this study, considering the specificity in building speech mode of a specific character in the story of Brazil: ex-President Lula. The study emphasizes the relations between translation, conflict and power in order to consider the power relations that constitute the intense diplomatic field by considering the limits and particularities of translation and the translator in this context. It was found that the particularities evidenced in the constitution of the character in the national circulating speeches did not remain in the source text neither in the translated text. A hypothesis to this case is the circulation of these speeches to an international target-public, as in UN, added to the formal rigor and circulation space of the analyzed genre.

**Keywords:** translation and power; political speech; Lula;



## SUMÁRIO

Lista de Quadros .....	10
Lista de Figuras .....	10
Lista de Gráficos .....	10
INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – SUJEITO, TRAJETÓRIA E IDIOSSINCRASIAS .....	15
1.1 Esboço de uma trajetória .....	16
1.2– Lula e o particularismo da linguagem .....	19
2 - GÊNERO TEXTUAL, TRADUÇÃO E SINGULARIDADES .....	28
2.1 – O discurso como gênero e prática discursiva: sensibilidade e tradução .....	28
2.2 – Tradução, tradutores e o poder .....	33
CAPÍTULO 3 – LULA NA ARENA INTERNACIONAL .....	37
3.1 Os discursos do Lula na arena internacional: primeiras aproximações .....	38
3.1.1. – Relação discursos x anos de exercício do mandato .....	39
3.1.2 – Contexto de pronunciamento do discurso .....	40
3.1.3 Temáticos dos discursos .....	42
3.2 – Análise do discurso do Lula na 62º Assembleia Geral das Nações Unidas .....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	55
ANEXOS .....	57

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Fragmentos dos discursos do Lula caracterizados como estratégia de pessoalização .....	24
Quadro 2: Fragmentos dos discursos do Lula apresentando sequências injuntivas .....	25
Quadro 3: Fragmentos dos discursos do Lula com referências à sua trajetória de vida .	26
Quadro 4: Fragmentos dos discursos do Lula com referências à sua relação com a religião .....	26
Quadro 5: Itinerários diplomáticos do ex-presidente Lula no curso de seus mandatos (2003-2010) .....	42
Quadro 6: Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para o tratamento empregado nas sequências textuais injuntivas .....	47
Quadro 7: Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para o uso de gradações .....	48
Quadro 8: Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para as estratégias de tradução de itens culturalmente marcados .....	49
Quadro 9: Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para a renderização dos mecanismos de referência .....	50

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Fragmento do discurso de posse do ex-presidente Lula em 2003. Estrutura do gênero textual discurso.....	29
---	----

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Distribuição dos discursos pronunciados pelo ex-presidente Lula entre 2003 e 2008 .....	40
Gráfico 2: Contexto de realização dos discursos pronunciados por Lula entre 2003 e 2010 .....	41
Gráfico 3: Distribuição temática dos discursos de Lula ao longo do período 2003-2010.....	44

## INTRODUÇÃO

A questão que se pretende discutir aqui ao longo do texto é a de quais são os processos operacionalizados durante a tradução dos pronunciamentos públicos do ex-presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva e, desde uma perspectiva analítica, quais as implicações desses processos? Para tanto, considera-se como fundamental ao longo da análise evidenciar a trajetória bastante particular e o modo como essa trajetória produz e é produzida a partir de elementos diacríticos que distinguem Lula de outros presidentes.

Desta forma, como contribuição para os Estudos da Tradução, a partir desse caso particular tratamos de processos, práticas e debates que constituem a Tradução; na esteira de uma discussão mais ampla, essas questões inserem-se na própria problematização do que seria o processo tradutório: transcrição, como sugerem os irmãos Augusto e Haroldo de Campos? Renarração como, por algum tempo, insistiu Mona Baker ao considerar as dimensões conflituosas nas quais os textos traduzidos são produzidos e circulam? Reescrita, tal qual pensou André Lefevere a partir dos processos que caracterizavam a escrita do texto literário?

A investigação aqui empreendida não esgota os temas e os problemas acima apontados; ao contrário, busca atualizá-los a partir da análise de uma situação empírica bastante distinta e recente que pode oferecer um fôlego novo – ou pelo menos mais combustível para um debate que está bem longe de seu término, felizmente!

Longe de reificar as separações e distensões apresentadas nos parágrafos anteriores, ou mesmo de se comprometer com tal ou qual resposta possivelmente pronta e que de longe poderiam corromper a potência do problema que se constrói aqui, esse trabalho localiza-se naquilo que os filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997) chamaram de *intermezzo*, o lugar do desconforto, da simultaneidade e da instabilidade, uma zona cinzenta e de transição que não é nem deixa de ser. De modo mais específico, nesse trabalho *intermezzo* diz respeito à adoção de uma posição simultaneamente textual e contextual, que considere as singularidades de uma trajetória individual, mas que não a dissocie de condições mais amplas nas quais um texto é produzido, os atores que o agenciam e provocam sua transformação e sua circulação em outros circuitos sociais e culturais. O interesse reside assim no que é interstício e interseção, no que é particular e dividido e não no que seja exclusivo.

Ao longo de sua trajetória política, e mais especificamente no decorrer dos seus dois mandatos, entre 2003 e 2010, as habilidades de mediação entre setores, projetos e

interesses, além da personalidade diplomática constituíram uma das mais proeminentes características do Lula. Nesse sentido, buscando compreender a conformação dessa personagem distinta e sua inserção em uma arena política internacional, no presente trabalho, buscamos vislumbrar os modos pelos quais a tradução é acionada de modo a tornar possível a comunicação e efetiva mediação entre atores em um contexto global. O foco do trabalho também recaiu sobre as estratégias de reescrita e reconvenção de itens que conferem uma idiossincrasia à fala do personagem em questão (através de elementos do repertório regional, metáforas, etc) ou mesmo de uma formalização no registro da escrita tendo em vista a especificidade do gênero textual analisado: o discurso político.

Discurso é aqui tomado não (apenas) na noção corrente de prática discursiva, e sim a partir do escopo de uma tipologia de gêneros textuais; em outras palavras, trata-se do discurso entendido como pronunciamento público feito por um determinado sujeito. De modo efetivo, ao longo do trabalho buscamos analisar como tradutores oficiais operacionalizavam as traduções, ou melhor dizendo, versões, de tais discursos para a língua inglesa. Considerando também o objetivo de refletir sobre como a tradução interconecta atores em uma arena política global, em termos de análise textual deu-se especial atenção aos pronunciamentos feitos nas ocasiões da Assembleia Geral das Nações Unidas, entre os anos de 2005 e 2009.

Para coleta das informações, utilizou-se das informações disponíveis em duas páginas da internet: a Biblioteca da Presidência da República, e a página do Palácio do Itamaraty. Antes de prosseguirmos, algumas observações sobre ambos os espaços que serviram de base para coleta do material de análise: A Biblioteca da Presidência foi fundada em finais do século XX e reúne informações sobre as atividades de todos os presidentes da nação desde a proclamação da República. Com o advento da internet e também com os investimentos desde o governo-Lula em acesso público às informações sobre as atividades do Estado, a biblioteca passou também a registrar atividades cotidianas dos presidentes: agenda pessoal, vídeos, pronunciamentos e entrevistas, entre outras informações. O segundo órgão é vinculado ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil e oferece além de outras informações, dados sobre a participação dos representantes do Estado em diversos contextos de negociação ou participação em atividades de cunho internacional.

A pesquisa nesses portais teve como objetivo coletar todos os discursos que houvessem sido proferidos pelo ex-presidente durante seus dois mandatos e que

estivessem disponíveis. Eventualmente alguns desses discursos e pronunciamentos diversos (a exemplo de entrevistas coletivas ou especiais concedidas a agências de notícias de outros países) estavam traduzidos, principalmente para o inglês (confirmando o caráter dessa língua como hipercentral) ou espanhol (em virtude da intensa relação do governo Lula com os países que compõem o Mercosul e seu incentivo ao referido bloco econômico). Dos discursos analisados (como dito antes, aqueles proferidos durante as Assembleias da ONU entre 2003 e 2009) apenas um foi traduzido, e para lhe ter acesso foi necessário requisitá-lo junto ao Ministério das Relações Exteriores. Um levantamento mais detalhado do material coletado será apresentado no Capítulo 3.

A partir dessas informações disponíveis em ambas as plataformas os discursos proferidos por Lula no período aqui estudado foram copiados e convertidos em dois documentos que pudessem ser processados e analisados de forma mais atenta. O primeiro documento consta de todos os títulos e datas de apresentação dos discursos e as circunstâncias (evento ou local) onde o mesmo fora proferido; o segundo constitui o corpus dos discursos efetivamente. Um segundo recorte desse último arquivo foi montado composto apenas pelo discurso que será efetivamente analisado no último capítulo deste trabalho. Como critérios para seleção desses textos considerou-se que (a) fossem pronunciamentos públicos disponíveis virtualmente; (b) houvessem sido feitos durante as reuniões da Organização das Nações Unidas; e (c) tivessem traduções disponíveis para língua inglesa feita por agências oficiais.

O trabalho está sistematicamente dividido em três capítulos que, a seu modo, buscam construir de maneira precisa o problema pesquisado bem como oferecer uma análise plausível dentro dos critérios e dos objetivos para ele estabelecidos e expostos acima. No primeiro capítulo, buscamos apresentar o objeto e suas particularidades a partir de uma revisão da trajetória do Lula e do modo como essa trajetória reverbera em elementos diacríticos que incidem sobre sua forma particular de comunicar e quais tipos de desafios esse particularismo impõe à tradução.

O segundo capítulo busca apreciar as especificidades do material analisado considerando: (a) o que há de particular no gênero textual discurso político; (b) as dimensões políticas e de poder nas quais esse gênero se insere a partir de um cotejamento das teorias da tradução que consideram a tradução de textos sensíveis (SIMMS, 1997) e os conflitos que perpassam a produção desses textos (BAKER, 2006).

O terceiro capítulo, a partir das informações apresentadas anteriormente, busca apresentar de forma incisiva a análise do corpus que constitui o cerne desse trabalho. Inicia-se com um levantamento da quantidade de discursos proferidos pelo ex-presidente Lula e sua amplitude geográfica e temática no sentido de apontar para algumas recorrências que contribuirão para a elucidação da questão de pesquisa. Segue então como a análise dos processos de tradução com vistas a perceber quais estratégias foram adotadas para lidar com as particularidades da fala do Lula de modo a torná-lo inteligível a um público estrangeiro. Nesse capítulo, busca-se discutir os procedimentos de padronização e simplificação da língua e como esses procedimentos poderiam redundar de forma crítica naquilo que Lawrence Venuti (1995) chamou de “estrangeirização” ou “domesticação” do texto nativo.

Por fim, nas considerações finais, retomamos a pergunta de pesquisa e elaboramos de forma crítica uma síntese dos argumentos levantados ao longo do trabalho e dos resultados para os quais a análise sinaliza. A organização do texto em capítulos visa construir um itinerário que se inicia desde a contemplação de uma esfera macro (o indivíduo e sujeito político Lula e como sua trajetória incidem sobre o modo particular como este se comunica), até uma dimensão microanalítica que considere o texto como produção da ação humana mediada pelo gênero textual em função de um propósito comunicativo.

## CAPÍTULO I – SUJEITO, TRAJETÓRIA E IDIOSSINCRASIAS

Eu me lembro de ser mandada para o canto da sala de aula por “responder” à professora de inglês quando tudo o que eu estava tentando fazer era ensinar a ela como pronunciar meu nome. “Se você quer ser americana, *speak ‘American’*. Se você não gosta disto, volte para o México, que é o seu lugar.” “*I want you to speak English*. Pra encontrar bom trabalho tem que saber *hablar el inglés bien*. O que vale toda a sua educação se você fala *inglés* com um ‘*accent*’”, diria minha mãe, mortificada porque eu falava inglês como uma mexicana.

(Glória Anzaldua, “Como domar uma língua selvagem”, 2009, p.305-6).

A epígrafe de abertura para este capítulo poderá servir de alerta e simultaneamente de estímulo para a discussão que se segue. “Como domar uma língua selvagem?”, pergunta-se a feminista chicana Glória Anzaldua. Pós-colonial e fronteiriça, chicana, mulher. Em um contexto de relações transnacionais como aquele onde está inserida Gloria Anzaldua, a particular metáfora da tradução e o tradutor como uma ponte entre o autor de língua estrangeira e o leitor falante de outras línguas. Essa metáfora no seio de algum substantivismo acabou por condensar lugares homogêneos e fixos. De um lado da ponte a homogeneidade e clareza de quem escreve, do outro o progresso e êxito de uma operação de transformação. Entre ambos os lados está a ponte, lugar onde se costuma alocar o sentido de dificuldade, desafio. Se a um dos lados cabe o símbolo do porto-seguro, do outro está o feito venturoso, o sucesso e o bom grado humanístico de trazer a um segundo público a possibilidade de interação com um texto há pouco inacessível ou estranho. Mas de fato, o que constitui a ponte?

A ponte é o estranhamento, o confuso, o que está *in progress*, por fazer-se. É o espaço da fronteira, a língua ‘selvagem’ de Anzaldua em um contexto de homogeneização e transformação da língua em mercadoria *standard*. Pensar o inglês-castelhano chicano de Anzaldua em seu aspecto fronteiriço é um desafio semelhante ao proposto. É possível pensar na conversão das experiências sociais e culturais de um indivíduo sobre a forma como esse pensa e faz uso da linguagem? Certamente a resposta para tal questão, sem hesitação seja sim; ao menos é nossa hipótese. Dado isso, como pensar estratégias de retextualização, ou como diria Mona Baker, *renarração* que deem conta das idiossincrasias de determinados sujeitos ou grupos sociais?

Tomando como ponto de partida para tal reflexão a trajetória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nesse primeiro capítulo esboçamos sua trajetória de vida como pessoa comum e pública buscando evidenciar os elementos socioculturais regionais e ideológicos que repercutem sobre sua personalidade pública e constituem o que é tomado aqui como um modo particular de comunicar que contrasta de forma efetiva com outras figuras públicas de igual relevância na história do Brasil nas últimas décadas. O objetivo principal deste capítulo, assim, é apontar os elementos macrossociais e biográficos que possam colaborar com o entendimento das especificidades do caso estudado, bem como sinalizar para as possíveis dificuldades que esse personagem oferece à tradução.

### **1.1 - Esboço de uma trajetória**

Lula, como é popularmente conhecido e como será chamado ao longo do texto, nasceu Luiz Inácio da Silva; o apelido lhe foi dado já durante a adolescência e maturidade, entre os anos em que se dividia entre metalúrgico e representante sindical de sua classe; o termo então usado pelos mais próximos e íntimos, aqueles que conformavam seu círculo de amigos e contatos foi oficialmente registrado como parte de seu nome para que pudesse concorrer às eleições para deputado federal pelo estado de São Paulo, no pleito eleitoral de 1986. Lula nasceu no atual município de Caetés, na região do sertão pernambucano, quando o município ainda era um distrito da cidade de Garanhuns; filho de Eurídice Ferreira de Melo (conhecida como Dona Lindu) e de Aristides Inácio da Silva, ambos agricultores que não tiveram acesso à educação formal.

A ideia de um passado pobre no sertão nordestino é a tônica de partida para quase todas as biografias do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Assim inicia sua pequena biografia apresentada na página do Instituto<sup>1</sup> que agora recebe seu nome e no qual trabalhou na década de 1990:

O sertanejo é antes de tudo um homem forte. Cunhada pelo escritor Euclides da Cunha, a frase parece se ajustar à personalidade de Lula desde seu nascimento. Nordestino, pobre, sétimo filho de um casal de lavradores analfabetos, Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em 1945 numa casa de dois cômodos e chão de terra batida no Semiárido pernambucano. (INSTITUTO LULA, 2014)

---

<sup>1</sup> Trata-se aqui do Instituto Lula, anteriormente chamado de Instituto da Cidadania, onde Lula havia trabalhado durante uma parte da década de 1990. A página pode ser acessada em <[www.institutolula.org](http://www.institutolula.org)>



Na narração da biografia do Lula tais ícones são recorrentes: a aridez do sertão, a miséria, o pau de arara como símbolo da migração para o Sudeste em busca de melhores oportunidades, a pobreza. Associada ao universo do trabalho e da reivindicação em prol da melhoria das condições de trabalho (que viriam a instaurar-se nas décadas seguintes à sua chegada em São Paulo) esses símbolos são os que socialmente consagraram a imagem de Lula frente a um conjunto maior de políticos de grande popularidade no contexto nacional desde a Ditadura até a contemporaneidade.

A infância de Lula desenvolveu-se em sua maior parte afastada do pai, que pouco antes do menino nascer migrou para São Paulo em busca de trabalho, como tantos outros nordestinos no período entre 1940 e 1960. Lula nasceu em 1945, ano marcado pelo fim do primeiro mandato do então presidente Getúlio Vargas, personagem o qual ainda que não fosse evidenciada qualquer relação nos primeiros anos de sua trajetória política, viria a referir-se quando de sua posse e governos entre 2003 e 2010. Aos sete anos de idade dona Eurídice acompanhada de Lula e seus outros seis filhos seguem rumo a São Paulo em busca do marido para lá constituírem uma nova residência. Só aos sete anos Lula iria conhecer de fato o progenitor.

Já nos primeiros anos da adolescência Lula é socializado no mundo do trabalho através de pequenas atividades laborais que faz na rua, a exemplo do trabalho como engraxate. Logo mais inicia-se na atividade pela qual se consagrara enquanto figura pública e representante da “classe trabalhadora”: a metalurgia.

Ainda na biografia resumida conforme apresentada pelo Instituto Lula e pela página na Internet da Biblioteca dos Presidentes da República, o contraste entre a miséria do mundo sertanejo e a opressão do mundo industrial paulistano são evocados como referências e símbolos sociais que condensam e vinculam a imagem de Lula à imagem das massas de trabalhadores e explorados. Ainda que alguma melhoria tenha sido alcançada com sua chegada a São Paulo, na sua biografia o intento é por vezes de reunir ambas as imagens (a aridez do sertão, e o chão da fábrica) sob uma mesma rubrica. Como se lê na sua pequena apresentação biográfica, referida antes: “Sertanejo é forte, Lula é um dos muitos migrantes nordestinos a se instalar no chão da fábrica e fazer da metalurgia sua profissão”. Como bem lembra o texto, linhas acima de onde a citação apresentada fora retirada, o contexto do qual falamos trata-se da década de 1960, quando, em virtude do projeto de aceleração do desenvolvimento econômico e industrial

do país proposto por Juscelino Kubitschek, a região paulista do ABC<sup>2</sup> é modernizada e recebe a instalação de várias indústrias, entre elas a automobilística, entre as quais aquela onde Lula trabalhava.

As habilidades de Lula tanto no que se refere à oratória quanto no que se referia ao seu poder de mediação e diplomacia logo o aproximaram do mundo da política. Com apoio de um irmão, então militante vinculado ao Partido Comunista do Brasil, PCdoB, Lula é convidado a frequentar as reuniões do sindicato de metalúrgicos e mediante sua socialização com os termos e debates do universo político ele vai agregando para si uma parcela de colaboradores e apoiadores, e vai tornando-se também uma pessoa pública. Mais uma vez se enfatiza seu particular e potencial papel de mediador: “Negociador habilidoso, é convidado a ocupar uma vaga de suplente na diretoria do sindicato que viria a ser eleito no início de 1969, inaugurando assim sua trajetória de líder sindical” (INSTITUTO LULA, 2014, s/p).

Os anos que seguem e inauguram a década de 1970 são de momentos bastante conturbados na vida do sindicalista. Casado pela primeira vez aos 23 anos, logo em seguida perde sua esposa quando estava grávida de seu primeiro filho, também falecido na circunstância. Nesse período, Lula dedica-se exclusivamente à atividade sindical, deixando de lado seu emprego na metalúrgica. Após a morte de Lourdes, anos depois Lula envolve-se com Miriam Cordeiro, com quem tem sua primeira filha, Laurian; anos depois Lula casa-se pela segunda vez, com esta que permanece até hoje sendo sua esposa: Marisa Letícia com a qual teria três filhos, além de adotar o filho dela quando do falecimento do seu antigo marido, antes de conhecer Lula. No campo da atividade sindical, essa primeira década de 1970 é marcada também pela posse de Lula como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1975.

Nos anos seguintes, é sob a liderança de Lula que são organizadas, em pleno regime ditatorial no Brasil, algumas das maiores greves de operários do país. Trata-se do período entre 1978 e 1980, quando através dessas ações além de ser preso pelo Departamento de Ordem Política e Social se torna uma figura de grande projeção no cenário político da época. É nesse mesmo período, já no início dos anos 1980, que Lula faz parte da formação do Partido dos Trabalhadores, um dos mais importantes partidos

---

<sup>2</sup> O ABC paulista a que se fez referência diz respeito à região da grande São Paulo, em especial aos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. A região é o polo de concentração industrial do estado de São Paulo e atualmente congrega outros municípios a exemplo de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

políticos do período de abertura política e redemocratização do país já nos anos finais do regime ditatorial.

Entre os anos 80 e 90 a vida de Lula é concentrada na arena pública através de sua atuação sindical e política. No início da década de 1980 suas principais atividades estão voltadas às campanhas Diretas Já, além de contribuir para a conformação da CUT, Central Única dos Trabalhadores. Entre 1987 e 1991 atua como deputado federal pelo estado de São Paulo, momento no qual também fez parte da Assembleia Constituinte, em 1988. Após o término do mandato tenta eleger-se para presidente da República, o que não consegue por três vezes<sup>3</sup>. Nesse intervalo, atua como líder do Partido dos Trabalhadores, além de importantes mobilizações políticas no sentido da construção e elaboração dos projetos sociais que viram a se tornar marca de seu governo quando da ocasião de sua eleição no pleito eleitoral de 2002.

Ainda com os tropeços da derrota nos três primeiros pleitos eleitorais, a vitória de Lula em 2002, após uma virada nas estratégias de campanha, compôs um dos momentos mais marcantes da história do país. Desde a implantação da República, ou pelo menos desde a redemocratização do país após os anos de ditadura, era a primeira vez que um governo de esquerda ascendia à presidência da república no Brasil. Ou como apresenta o Instituto Lula em sua narrativa sobre esse momento, “Lula é o primeiro operário a instalar-se como inquilino no Palácio da Alvorada”.

Os eventos que levaram às derrotas consecutivas e, por fim, à vitória no pleito de 2003 - quando então tinha como maior adversário José Serra, candidato vinculado ao PSDB, representando o então presidente Fernando Henrique Cardoso (com quem Lula havia concorrido e perdido nas duas eleições anteriores) – não podem ser abarcados no escopo desse trabalho, todavia, algumas observações se fazem pertinentes no sentido de evidenciar a singularidade de Lula no contexto dessas disputas e campanhas eleitorais. Até então, os oponentes de Lula à presidência haviam sido setores vinculados a partidos de direita, principalmente o PSDB, contra quem Lula sofreu suas primeiras derrotas quando do confronto com Fernando Henrique Cardoso (doravante FHC).

## **1.2 –Lula e o particularismo da linguagem**

A trajetória e os elementos específicos que determinadas experiências e espaços de sociabilidade constroem estão arraigados de modo intrínseco à forma como as

---

<sup>3</sup> Essas tentativas correspondem aos pleitos de 1989, 1994 e 1998.

peças falam e se comunicam, ao léxico de que se utilizam, à forma como significam e elaboram expressões, gestos e palavras; em outros termos, a trajetória de um indivíduo ou de uma coletividade elabora de modo significativo a forma como esse(s) ator(es) se relaciona(m) com a linguagem.

Esse processo acima referido diz respeito à formação social da linguagem através do uso que os indivíduos e os grupos lhes atribuem. Sendo um fenômeno social é portanto dinâmico e constante, produzindo junções e idiosincrasias, aproximações e distanciamentos. É um movimento que pode ser percebido, por exemplo, tomando um fenômeno cotidiano, a partir da identificação da origem de uma pessoa em virtude das palavras que usa ou do ritmo da fala, do sotaque; ou mesmo da condição social de uma pessoa pelos mesmos requisitos.

Os usos e mecanismos de significação da forma como cada grupo social se utiliza da linguagem para expressão e comunicação por vezes produzem conflitos e tensões. Essas tensões são materializáveis nas avaliações que os sujeitos fazem a partir do uso que observam. Assim, por exemplo, as várias formas de oralização do português no nordeste do Brasil são reduzidas a um uso desqualificado e ignorante a partir de uma norma culta centrada nos modos de falar do sudeste (BAGNO, 2007). No plano da experiência social, é preciso observar ainda que a linguagem é um componente importante na avaliação dos sujeitos junto a outros atributos tais como vestimentas, tom de pele, performance e manejo do corpo ao movimentar-se: em conjunto esses atributos possibilitam a leitura – muitas vezes preconceituosas – sobre a procedência, conduta ou moralidade de um sujeito.

Essas formas de avaliação e desmerecimento de modos diversos de uso da língua compõem aquilo que o linguista Marcos Bagno chamou de “preconceito linguístico”, isto é, de modo simplificado, a avaliação demeritória dos modos de fala de um grupo ou sujeito em função das variações que diferentes experiências sociais oportunizam e produzem (BAGNO, 2007)<sup>4</sup>. Além da categoria de preconceito linguístico, a discussão proposta pelo linguista no escopo desse trabalho é fundamental pois acentua uma importante ligação evidenciada já nas primeiras linhas de seu trabalho, a saber, os vínculos entre a política e a linguagem.

---

<sup>4</sup> Na discussão apresentada por Bagno um dos pontos focais para o preconceito linguístico é uma disjunção entre o português falado e a gramática normativa. Ainda que não comporte uma discussão sobre tradução, é importante notar que algo semelhante acontece nos procedimentos de tradução mediante estratégias de simplificação e *estandardização* do texto inserindo-o numa norma culta por vezes divergente dos usos e modos de representar manejados pelos atores sociais.

Aqui, política é entendida de maneira dupla; tanto no que se refere às atividades de gestão da vida cotidiana, pública e privada, quanto ao exercício partidário a que comumente se faz menção. Articular o uso da linguagem por Luiz Inácio Lula da Silva à arena política diz respeito a pensar não apenas como sua fala se posiciona e produz movimentos de reconhecimento, aproximação e distanciamentos, quanto a avaliar como essa trajetória se redefine e é reelaborada no curso de uma vida partidária, ou como mais nos interessa, executiva, na condição de presidente da República.

Como apresentado no tópico anterior, a trajetória diferencial de Luiz Inácio Lula da Silva, bem como suas orientações políticas, constroi um modo distinto de relacionar-se com a linguagem quando comparado a demais operadores políticos, a exemplo de políticos que se inseriram nesse campo apoiado por familiares com carreira já estabelecida, incorporando status, sobrenomes e prestígios. Lula, a despeito disso, construiu uma trajetória diferenciada e acumula adjetivos que estabelecem uma relação de distinção com a caracterização das trajetórias políticas mais comuns: é migrante, nordestino em um campo majoritariamente ocupado pelos grandes centros econômicos do país, operário, sem formação acadêmica – muito menos em cursos de maior prestígio como direito, medicina e engenharias. A hipótese que organiza esse trabalho é que esses elementos de trajeto de vida e relações com atores e segmentos políticos oferecem um modo de lidar com a linguagem que se destaca em um plano mais geral dos personagens. Sendo assim, nosso propósito é de perceber como isso se configura e quais desafios aparecem à tradução desse modo de falar em uma arena de poder evidente: as relações internacionais.

Nos últimos anos, pesquisas vêm se dedicando a problematizar e discutir as implicações e desdobramentos resultantes dos anos em que Luiz Inácio Lula da Silva esteve na posição de presidente do Brasil. Essas pesquisas se desdobram desde campos como a Ciência Política, Relações Internacionais, Economia e Sociologia, até mesmo os estudos linguísticos, como aqui acontece. Neste último, instrumentos de análise já clássicos são repensados para avaliar os processos de negociação e trânsito de uma personagem de origem e manifestação popular em um meio social tão formal e constituído por pessoas em sua maioria de estratos sociais distintos das classes mais populares.

Em trabalho no qual busca, a partir de uma perspectiva linguística, avaliar a trajetória do Lula no primeiro mandato como presidente, Carlucci de Souza Lima (2009) realiza uma avaliação dos discursos proferidos por ele e observa a recorrência de

três grandes percursos semânticos<sup>5</sup> nas amostras com que trabalha, a saber, (a) o percurso semântico das condições de vida, (b) percurso semântico das relações políticas, e (c) percurso semântico das relações religiosas. A análise produzida pelo autor busca, entre outras coisas, entrever a imagem que Lula construía de si próprio e de seu governo em um dos momentos mais sensíveis de seu primeiro governo: a crise do Mensalão<sup>6</sup>.

Lima (2009), em sua análise aponta que os principais percursos semânticos sobre os quais a narrativa que o personagem constrói sobre si mesmo circundam os eixos das condições de vida, relações políticas, relações religiosas e, por fim, relações econômicas. Esses percursos semânticos, nota ele, podem ocorrer simultaneamente na forma como as narrativas são estabelecidas, construindo-se assim emaranhados significativos que se organizam em torno de ideias como dignidade, poder, fé e desenvolvimento. Assim como notara Bagno (2007), acima apresentado, as análises construídas por Lima (2009) também corroboram o esforço aqui desenvolvido no sentido de possibilitar uma articulação mais efetiva entre a esfera da linguagem e da política, entevendo os modos como relações de poder são medidas pela linguagem, moldando e direcionando a forma como cada sujeito ou coletivo utiliza-se da linguagem para representar a si mesmo e a seus interesses.

Ainda no campo das relações entre linguagem e política, o filósofo francês Michel Foucault nos oferece uma importante consideração a respeito do modo como a linguagem é manipulada pelos indivíduos nas suas relações. Para o autor,

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de processos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

Para o francês, a enunciação enquanto ato político é organizada em função de mecanismos de controle que não permitem a qualquer sujeito uma comunicação livre,

---

<sup>5</sup> Segundo o autor, a noção de percurso semântico é tomada emprestada de Antônio Augusto Moreira de Faria (1999), segundo o qual a noção de percurso semântico diz respeito aos revestimentos narrativos, ou seja, as recorrências que estruturam a narrativa de um personagem no plano do intradiscurso (LIMA, 2009). O intradiscurso, por sua vez, ainda apoiado em Faria, faria menção aquilo que estrutura o texto no campo do conteúdo.

<sup>6</sup> O que aqui se chama de Mensalão é a nomeação popular de um escândalo de corrupção envolvendo a máquina pública e algumas das principais lideranças do Partido dos Trabalhadores. O escândalo envolvia o desvio de milhões de reais através de fins e fontes diversas para, entre outras coisas, financiar campanhas de políticos vinculados ao partido e que compunham o esquema.

ao contrário, dizer é um ato político e como tal é produzido através de dispositivos que viabilizam o momento e os atores certos a quem e como dizer. Foucault argumenta que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode fazer de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1996, p.12)

Se por algum momento essa noção de situacionalidade foi percebida e analisada desde o ponto de vista da adequação da fala, aqui é precioso avançarmos um pouco mais e entendermos, como possivelmente iria sugerir Foucault, que essa noção de adequação é um constructo político e implica em um referente com interesses e mesmo uma estética específica. Caberia então perguntar, no caso estudado, quais os referentes e interesses que poderiam elaborar um modo de falar adequado à posição de presidente da República.

Ao ascender ao cargo de presidente da República em uma competição histórica junto a um dos partidos mais poderosos da direita brasileira, o PSDB, o modo como Lula comunicava suas opiniões e se expressava despertou a curiosidade e foi alvo de análise por muitos setores, em especial linguistas e comunicadores. Semanalmente jornais e revistas distribuía-se entre comentários sobre os pronunciamentos e viagens do presidente, suscitando piadas e, em alguns casos, avaliações preconceituosas. Uma parte dessas manifestações foi analisada pelo linguista Tony Berber Sardinha.

Se o trabalho de Lima (2009) apresentado há pouco buscava entrever como Lula representava a si e ao seu governo em um momento de tensão política, a investigação de Sardinha (2008) através dos instrumentos teóricos e analíticos da linguística de corpus e da metáfora conceptual<sup>7</sup> buscou investigar uma outra importante marca do uso da linguagem nos pronunciamentos públicos do presidente: as metáforas<sup>7</sup>. A partir de um corpus de mais de 850 pronunciamentos Sardinha observa a predominância de uma metáfora de especial interesse para o presidente: a metáfora da conquista.

Nesse íterim, a despeito das competências oratórias de Lula, Sardinha considera que:

---

<sup>7</sup> A categoria de metáfora conceptual é usada por Sardinha por empréstimo a George Lakoff. No entendimento do pesquisador brasileiro, as metáforas conceptuais dizem respeito à ilustração de uma situação recorrendo a outros domínios da vida social. Na situação usada por Sardinha para detalhar melhor o conceito, Lula utiliza-se da seguinte expressão: “governar é servir churrasco em um rodízio” onde o lugar, a churrasceria, onde geralmente se desenvolve esse tipo de prática, corresponderia ao país, o churrasco aos benefícios e direitos dos diversos atores e o rodízio a gestão que deve ser feita desses elementos por parte dos governantes (os garçons implicados na metáfora). Como bem nota Sardinha, essa noção é de base cognitiva, e ainda que diga respeito à vida em sociedade, pouco explica como se dão as relações estabelecidas, já que parte do pressuposto de que as metáforas seriam constructos mentais inatos.

Luís Inácio Lula da Silva é um orador de sucesso. Sabe empregar como poucos uma retórica que fala de perto ao povo mais simples do país, combinando com eficiência linguagem verbal e corporal para criar uma imagem de uma pessoa que sofreu muito na vida, mas que soube lutar e vencer as dificuldades até chegar ao cargo mais importante do país. Com certeza, um ingrediente fundamental de seu desempenho retórico é o uso de metáforas. A imprensa tem destacado algumas metáforas que sobressaem no seu discurso, como a do churrasco ou a do futebol. (SARDINHA, 2008, p. 115).

Para o autor, o desempenho e sucesso de Lula enquanto orador passa de maneira efetiva pelo domínio da metáfora enquanto instrumento de comunicação, possibilitando a ilustração de ideias e conceitos eventualmente complexos para um público multiestratificado, complexo. A habilidade e competência oratórias vinculadas à história de vida constituem Lula como um personagem deveras distinto no campo das relações políticas. Assim, a conquista, a que se refere Sardinha é um elemento caracterizador do personagem. Diz respeito à “vitória na vida”, a uma trajetória “de sucesso” e que serve como descritor de um percurso que se desenvolve desde a infância e à condição de migrante, passando pela história operária e sindicalista até a posição de presidente da República (SARDINHA, 2008, p. 116). Nas palavras de Sardinha:

No fundo, a conquista é uma verdadeira metáfora da vida de Luís Inácio Lula da Silva. Uma pessoa que nasceu muito pobre, no interior do país, migrou para a cidade grande, trabalhou, ‘lutou e venceu’, sendo hoje presidente reeleito do país. Trata-se do verdadeiro sonho de ascensão de classe: o operário que chegou a presidente (SARDINHA, 2008, p.116)

Assim como o trabalho desenvolvido por Sardinha, o esforço aqui desenvolvido passa pelo entendimento do modo como a vida pública e a presença em uma arena de poder condicionam e organizam a fala dos indivíduos.

Ao tomarmos como exemplo o discurso proferido por Lula na ocasião de sua posse para o primeiro mandato, em 2003<sup>8</sup>, tomemos algumas das características marcantes do personagem que são mencionadas até aqui.

A primeira característica a ser evidenciada é a tentativa retórica de construção de uma personalidade em função de grandes marcadores morais como a honestidade, a sinceridade e a simplicidade. Esses recursos se entrecruzam a outros dois grandes recursos que são característicos do modo de Lula usar a linguagem, a saber, o modo como articula sequências textuais injuntivas e referências a episódios passados da sua vida. Essas marcas são detalhadas a seguir nos fragmentos a seguir.

---

<sup>8</sup> A versão integral do texto encontra-se no Anexo 1, ao fim do texto.



Quadro 1: Fragmentos dos discursos do Lula caracterizados como estratégia de personalização

	<b>Pessoalidade</b>
A14	Mas <b>eu quero</b> que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da <b>minha vida</b> , faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos.
A13	Quando <b>eu não puder</b> fazer uma coisa, <b>eu não terei</b> nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que <b>não sei fazer</b> , que <b>não posso</b> fazer e que não há condições.
A12	Quando <b>a gente</b> perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua.

Como se percebe com base nos fragmentos recolhidos, há um esforço de aproximar a figura do presente a um modelo humano que reconhece as limitações, compromissos e fragilidades do ser humano investido do cargo. Não há assim nenhum esforço de construir Lula como um personagem sobre-humano e dotado de capacidades especiais, ao contrário, a estratégia discursiva consistiu justamente em aproximá-lo de um determinado público-alvo, público esse que é repetidamente convidado a juntar-se aos esforços do Lula em seu projeto político. Esse movimento de agregar é construído fundamentalmente através de sequências injuntivas que se por um lado cumprem uma função fática na organização da linguagem, por outro também visam aproximar emissor e receptor, aquele que discursa do público ouvinte. Exemplo dessas construções podem ser vistos no quadro abaixo.

Quadro 2: Fragmentos dos discursos do Lula apresentando sequências injuntivas

	<b>Sequências Injuntivas</b>
A6	Nós temos uma história construída <b>junto com vocês</b> .
A13	Eu quero dizer a todos <b>vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso...</b>
A13	<b>Aos meus irmãos de Caetés</b> , minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns,
A17	Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses
A16	Por isso, <b>meus companheiros e companheiras</b> , um abraço especial aos <b>companheiros e companheiras portadores de deficiência física</b>

Nessas sequências diversos atores são apresentados e especificados, seja através de referências indiretas (“junto com *vocês*”) seja através de categorias que agrupam em função da localização das pessoas no campo do trabalho (“a imprensa”), seja através da designação da origem ou de características físicas. Ao utilizar-se desse recurso Lula torna possível uma identificação direta daqueles que estão compondo seu público-alvo, dirigindo-se diretamente a eles e destacando-os, as vezes de modo jocoso e brincalhão, como se percebe no fragmento A17. Ainda nesse movimento Lula pode utilizar-se de cenários e situações de sua vida, a exemplo da menção à sua cidade natal. Outros exemplos de referências a episódios e personagens da sua vida aparecem a seguir.

Quadro 3: Fragmentos dos discursos do Lula com referências à sua trajetória de vida

	<b>Trajetória de vida</b>
A12	Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, <b>Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela,</b> com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo.
A12	Entretanto, <b>para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições:</b> uma para Governador e três para Presidente da República
A12	Às vezes, <b>ela e eu decidíamos que a luta ia continuar,</b> porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos.

Nesses fragmentos, de modo generalizado, observa-se duas grandes estratégias: a menção aos personagens que tornaram sua história possível, em especial Marisa Letícia, sua companheira, e José Alencar, seu vice-presidente; além disso observa-se também de modo recorrente estruturas discursivas que remetem àquilo que Sardinha (2008) havia tratado como a metáfora da conquista. Ou seja, a insistente estratégia de utilização de contrastes para compor uma história de sucesso que se inicia com o passado de criança migrante e finaliza-se com a chegada a um dos cargos mais importantes da vida republicana no Brasil. Nesse caso, as referências às perdas e vitórias funcionam como um jogo de compensações finalizados com um argumento do tipo “vejam vocês onde eu cheguei”.

Por fim, outra característica marcante do texto discursado por Lula é a remissão a elementos religiosos, sempre do cristianismo, como se percebe abaixo.

Quadro 4: Fragmentos dos discursos do Lula com referências à sua relação com a religião

<b>Relações Religiosas</b>	
A15	E <b>tenho fé em Deus</b> que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa.
A7	<b>Eu apenas tive a graça de Deus</b> de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

As menções à crença em uma divindade cristã como protetora e colaboradora na sua trajetória quase sempre é usada como uma ponte de ligação entre as histórias de perdas e vitórias, bem como no processo de construção da personalidade mencionada anteriormente.

As características, aqui apresentadas, longe de se constituírem como uma marca única, são elaboradas como um perfil distintivo que caracterizou as falas do Lula no seu conjunto, podendo aparecer mais ou menos em função dos contextos e momentos de enunciação. No capítulo a seguir damos continuidade a essa discussão buscando organizar como as peculiaridades dessa fala inserida dentro de um gênero textual específico – o discurso – possibilitam perceber esses deslocamentos e ressignificações das especificidades dos sujeitos e suas trajetórias.

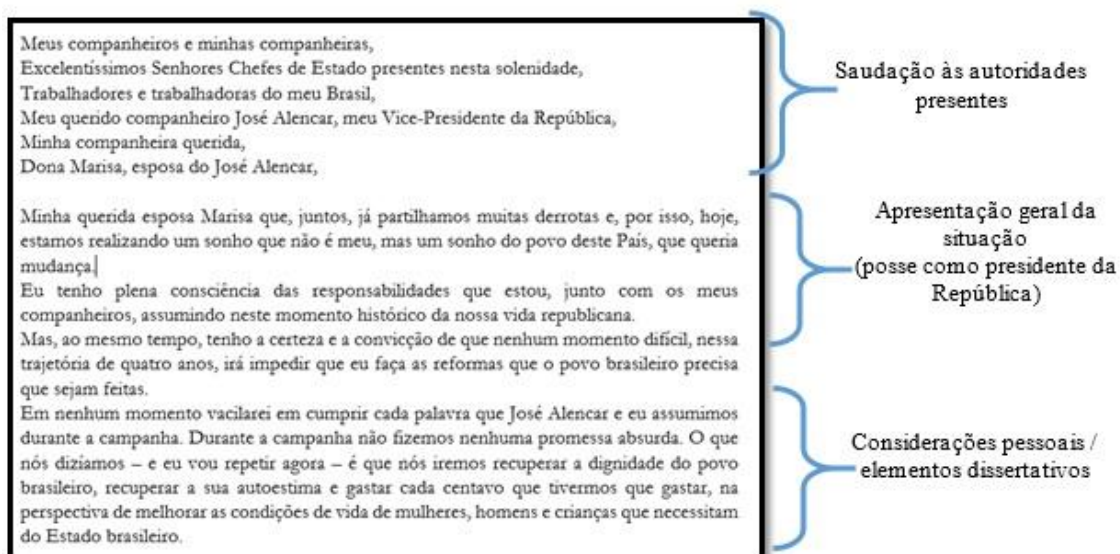
## **2 -GÊNERO TEXTUAL, TRADUÇÃO E SINGULARIDADES**

Este capítulo busca evidenciar as relações entre gênero textual, política e tradução em especial no gênero em questão – o discurso –, utilizando como elementos de mediação as noções de conflito e renarração, conforme propostos por Mona Baker (2006) e de sensibilidade/texto sensível, proposta por Karl Simms (1997). O objetivo maior do capítulo é apontar não apenas suas singularidades, mas como ele pode servir de pista e referência para o tipo de análise que se pretende desenvolver, a saber, dos entrelaçamentos entre uma trajetória individual distintiva, as estratégias de construção do discurso e sua tradução.

### **2.1 – O discurso como gênero e prática discursiva: sensibilidade e tradução**

A noção de gênero textual que fundamenta esse trabalho é tomada por empréstimo de Luiz Antônio Marcuschi (2002) para quem os gêneros textuais apresentam-se como entidades simultaneamente sociais e discursivas que no curso da ação social medeiam as relações humanas, conferindo-lhes uma forma situacionalmente adequada, ou seja, os gêneros textuais configuram modelos mais ou menos dinâmicos de comunicar coletivamente. Nesse contexto, convém lembrar, como observam Ingedore Vilaça Koch e Vanda Elias (2008), do propósito comunicacional, da forma e do conteúdo a partir dos quais os gêneros textuais são estruturados e socialmente organizados, de modo que a situação de comunicação possa desenvolver-se de maneira harmoniosa.

No que diz respeito ao discurso como gênero textual, no escopo desse trabalho ele é tomado como um pronunciamento de caráter público proferido por um determinado sujeito localizado espaço-temporalmente e que naquela circunstância cumpre um papel de autoridade. Seu propósito comunicacional é emitir uma mensagem de conteúdo público em um contexto de formalidade. A forma sobre a qual o texto é organizado, de acordo com o material analisado, cumpre geralmente um primeiro cumprimento às autoridades que estão presentes à cerimônia, em seguida uma apreciação breve da situação e por fim o posicionamento do emissor a respeito de um determinado tema. Esses elementos podem ser melhor apreciados na ilustração (Figura 1) a seguir onde essas partes são destacadas tomando como base um dos discursos proferidos por Lula.



**Figura 1.** Fragmento do discurso de posse do ex-presidente Lula em 2003. Estrutura do gênero textual discurso.

Como se vê no fragmento apresentado acima, que serve de ilustração para a proposta de organização formal do gênero discurso, já nas primeiras linhas é possível perceber algumas das características distintivas da linguagem empregada por Lula comentadas no capítulo anterior: a saudação inicial ‘companheiros e companheiras’, típico dos setores de esquerda na América Latina, e a justaposição entre figuras de renomes, como chefes de estado, aos trabalhadores e trabalhadoras. Além disso percebem-se referências à trajetória de vida já no primeiro parágrafo, além dos elementos distintivos da dignidade e do desenvolvimento de “mulheres, homens e crianças” como compromissos do Estado e de sua gestão.

A escolha do discurso como gênero especial de análise se justifica em parte pela ausência de trabalhos que problematizem esse gênero e suas condicionalidades, bem como pela especial projeção que oferece para se perceber as imbricações entre poder e linguagem, bem como, no plano da tradução, as estratégias de textualização em situações sensíveis<sup>9</sup>.

Observe-se que o discurso, ainda que seja um gênero que se desenvolva efetivamente na dimensão oral da linguagem, apresenta grandes marcas da escrita, de modo que ambos são acionados na situação comunicativa. Nesse sentido, mais uma vez

<sup>9</sup> Sobre isso nos deteremos melhor adiante, no curso do capítulo.

acompanhando Marcuschi (2002), o discurso caracteriza-se como um gênero textual que, no contínuo entre linguagem oral e escrita, encontra-se em um espaço que é predominantemente oral, mas com presença e marcas intensas da escrita. Acrescente-se a isso, toda a dimensão performática e ritualizada que comporta o pronunciamento de um discurso por parte de uma autoridade, representação ou especificamente um político. Observem-se as imagens históricas que temos disponíveis desse momento: Martin Luther King e o momento épico de seu discurso popularmente conhecido como “I have a dream”, proferido em Washington, em agosto de 1963 durante o período de luta pelos direitos civis da população negra dos Estados Unidos. Na ocasião, King discursava de maneira enérgica e enfática para um público de aproximadamente 250 mil pessoas; lembre-se também dos discursos de Adolf Hitler durante o período entre guerras (1919-1935) e durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a massa de alemães, militares e civis, que ouviam atentos. O discurso assim deve ser compreendido como uma manifestação complexa, envolvendo a manipulação de símbolos e elementos de natureza verbal e não-verbal, uma manifestação que ainda que marcada por um nível de formalidade intenso, pode fruir de maneira espontânea e incontida, sempre em resposta aos elementos que compõem a situação comunicativa, mais propriamente o público (ser ovacionado ou vaiado deve produzir reações diferentes para um mesmo emissor, por exemplo).

A produção e emissão de um discurso por parte de uma autoridade política, em especial por chefes de Estado, como é o caso aqui analisado, eleva a níveis bastante sensíveis as problemáticas contidas na discussão sobre os efeitos provocados por uma opinião ou posicionamento manifesto pelo gênero em questão. É na esteira dessas implicações que as noções de “discurso político” e “discurso do político” se confundem e misturam tendo em vista que, como esclarece Christina Schäffner<sup>10</sup> (2004) o discurso político remete a um conjunto deveras complexo e amplo das atividades humanas tendo em vista que “a política não pode ser conduzida sem a linguagem” (SCHÄFFNER, 2004, p. 117-8). É na esteira das relações entre discursos (e atores) políticos, tradução e processo sociais que Schäffner busca avaliar os efeitos da tradução como mobilizadora de ações, bem como os mecanismos de produção do texto traduzido. Schäffner ao

---

<sup>10</sup> Antes de prosseguirmos, é necessário um esclarecimento sobre as posições de Schäffner (2004) e que condicionam sua análise. A autora, partindo de uma análise discursiva, faz uma distinção entre análise do discurso, análise crítica do discurso e análise política do discurso. Dando especial atenção à terceira corrente, a autora argumenta que embora os Estudos da Tradução tenham se apropriado de ferramentais e referenciais diversos, incluindo dessas três vertentes, o inverso é pouco comum. Nesse sentido, ela propõe uma avaliação e estabelecimento de proximidades entre ambos os campos.

analisar discursos e pronunciamentos de representantes do Estado na Alemanha traduzidos para o inglês chega a uma conclusão bastante próxima daquela apresentada por Foucault em sua investigação sobre os sistemas de pensamento e produção de verdades no mundo ocidental. Para a autora, “nem tudo que pode ser exposto no texto original pode ser mostrado do mesmo modo convincente na tradução”<sup>11</sup>, ou seja, na tradução também operam mecanismos de interdição e exclusão que visam o controle da linguagem<sup>12</sup>. A partir de situações, restrições culturais e relações de poder a possibilidade de dizer em um determinado meio social é controlada e negociada. Em outro momento Schäffner argumenta que

[A] tradução trabalha em contextos sócio-políticos específicos, produzindo textos de chegada para propósitos específicos. As condições sociais são refletidas na estrutura linguística dos textos de chegada. Isso é, as traduções (como textos de chegada) revelam o impacto discursivo, social, convenções ideológicas, normas e restrições. Relacionando traduções (como produtos) aos seus contextos sociais, causas e feitos das traduções podem ser descobertos (SCHÄFFNER, 2004, p. 137).<sup>13</sup>

As considerações e relações elaboradas por Christina Schäffner permitem observar e analisar a produção dos discursos políticos – observe-se aqui a possibilidade de uma ambiguidade – desde o ponto de vista da tradução de textos sensíveis, exploradas por Karl Simms. Para Simms (1997) a sensibilidade é uma característica latente a qualquer ato de leitura e produção textual, diz respeito ao modo como os sujeitos se relacionam e podem ser afetados pelos conteúdos presentes em um dado material linguístico.

Simms inicia seu argumento dizendo que uma unicidade entre palavra e significado é impossível, de modo que “a palavra” tal como suposta por filósofos de um certo período é impossível de existir. Nesse sentido, caberia portanto argumentar sobre as expressões (companheiros e companheiras, por exemplo), metáforas (governar é

---

<sup>11</sup>Tradução nossa. “Not everything which can be shown in the original text can be shown in the some convincing way in translation”.

<sup>12</sup>Note-se, aliás, que a noção de linguagem controlada é uma recorrência em espaços de grande circulação internacional; a expressão remete a uma linguagem supostamente livre de marcadores regionais ou itens de especificidade cultural, como argumenta Aixela (1996). De modo semelhante, Mona Baker (1995) já advertiu sobre processos semelhantes ao discutir sobre as categorias de universais em tradução, a saber, normalização, simplificação, explicitação e estabilização do texto traduzido.

<sup>13</sup>“Translation work in specific socio-political contexts, producing target texts for specific purposes. This social conditioning is reflected in the linguistic structure of the target text. That is, translations (as target texts) reveal the impact of discursive, social and ideological conventions, norms and constraints. By linking translations (as products) to their social contexts, causes and effects of translations can be discovered”.

como servir churrasco em um rodízio) e mesmo as cenas da trajetória pessoal eleitas para constituir os pronunciamentos de um personagem como Lula. Dado seu caráter retórico e sua caracterização como cenas de uma trajetória específica, tais elementos não são significados do mesmo modo por todos os atores sociais: a origem pobre e migrante pode ser um desqualificador para uns, ao passo que para outros pode ser um símbolo de honestidade, ou de vitória na vida, como já apresentado; a condição operária pode ser um elemento de reconhecimento como um trabalhador, ou como um sujeito desqualificado para ocupações mais elaboradas como dirigir um país, entre outras. De modo semelhante, ao produzir aproximações e distanciamentos, o uso dessas expressões e símbolos incita diferentes sensibilidades na relação do leitor com o texto.

No que se refere aos textos e à sensibilidade, Simms argumenta que “a sensibilidade pode ser de duas ordens: ou as referências a que o texto faz são tabus, ou o fato do texto existir como tal é um tabu”<sup>14</sup> (SIMMS, 1997, p. 03). A partir de tal consideração, Simms propõe a organização de quatro grandes eixos a partir dos quais a sensibilidade seria mais latente e ofereceria maiores problemas ao campo da tradução. Esses eixos são: (a) textos sagrados e religiosos, (b) textos eróticos ou ligados ao obsceno, (c) textos políticos, e (d) textos ligados à biografia individual. Nas palavras do autor, “tradicionalmente há quatro níveis nos quais um texto pode ser considerado sensível; são aqueles que podem ser contra o Estado, a religião, (...) a decência e à vida privada dos cidadãos”<sup>15</sup> (SIMMS, 1997, p.05).

No plano do material aqui analisado, a noção dos discursos do Lula como textos sensíveis diz respeito, em alguns dos casos analisados, tanto aos eixos da política/Estado, quanto à vida privada, tendo em vista a utilização de fragmentos da sua trajetória de vida para ilustração de determinados conteúdos ser um recurso bastante presente em sua retórica.

A despeito das relações entre sensibilidade do texto político e tradução, em *Translation and Conflict* (2006) Mona Baker faz algumas observações sobre o modo como o tradutor é posicionado em um campo conflituoso ao lidar com a tradução de textos que constituem essa arena. Assumindo algumas das posições já esboçadas anteriormente pela Escola de Manipulação, Baker inicia sua argumentação considerando que não há posições neutras no campo da tradução, em especial quando consideramos o

---

<sup>14</sup>Tradução nossa: “The sensibility may be of two orders: either references which the content of the text makes are taboo, or the fact of the existence of the text as such may be taboo”.

<sup>15</sup>Tradução nossa: “Traditionally, the four grounds on which a text may be considered sensitive are that they may be contrary to the State, to religion (...) to decency or to private citizens”.



campo da política. A partir da introdução do conceito de narrativa no estudo da tradução, Baker considera a tradução não como um processo de transferência ou reescrita, mas como uma nova narrativa, uma renarração. A partir daí, em *Translation and Conflict*, a autora procura esboçar uma tipologia de quatro grandes movimentos narrativos<sup>16</sup> e perceber os papéis desempenhados por tradutores e pela própria tradução nos processos de socialização e construção de laços coletivos.

É nesse aspecto que tanto o ato de narrar quanto o conteúdo e o modo como a narração são construídos importam para uma análise efetiva do processo de produção e tradução dos textos. No tópico a seguir estabelecemos alguns detalhamentos a respeito desses aspectos apontando alguns elementos gerais sobre a caracterização do material aqui analisado.

## **2.2 – Tradução, tradutores e o poder**

Um exame acurado da tradução em um campo tão marcado por relações políticas com efeitos materiais sobre as vidas cotidianas de diversas pessoas implica necessariamente em uma reflexão sobre a tradução e o poder, bem como sobre a efetividade da posição do tradutor nesse jogo de posições que é o mundo oficial e das relações políticas. Uma pergunta a se impor nesse momento é: afinal, o que pode um tradutor?

Tentativas de responder essa questão certamente não esgotarão as entrâncias e peculiaridades oferecidas e impostas por cada situação empírica. Todavia observa-se nas últimas décadas um esforço cada vez mais intenso de se pensar as possibilidades e limites da atividade tradutória e do tradutor a partir de análises que considerem as relações de poder que circunscrevem o trabalho dos tradutores. Um marco didático para se esboçar uma história do problema poderia ser oferecido já com a Escola de Manipulação<sup>17</sup>, em meados década de 1980 e complexificados a partir dos anos 1990 e a

---

<sup>16</sup> Baker considera as narrativas como um modo de construir e representar o mundo a partir de determinados interesses. Sua tipologia estipula quatro movimentos: narrativas ontológicas, públicas, conceituais e metanarrativas. Para um melhor detalhamento sobre essa tipologia sugere-se a leitura do texto conforme a autora o apresenta (cf. BAKER, 2006).

<sup>17</sup> O marco de referência adotado aqui é a publicação de *The Manipulation of Literature*, em 1985, editado por Theo Hermans; no mesmo âmbito, apesar do termo ‘escola de manipulação’ seguimos a orientação de Hermans e entendemos a escola de Manipulação não como uma escola no sentido de um conjunto unívoco de pensamentos, mas como pensadores diversos e com orientações diversas partilhando de algumas orientações comuns, a saber, de que há no processo de tradução determinadas estratégias de manipulação do texto para certos propósitos.

introdução no escopo dos Estudos da Tradução de outros campos do saber, como os Estudos Culturais, os estudos de gênero e das reflexões sobre o pós-colonialismo<sup>18</sup>.

A pressuposição inicial da Escola de Manipulação de que não há lugares neutros na produção textual e que, assim, o tradutor desempenha um papel de agente na construção dos textos é um ponto de partida para se pensar como relações de poder interferem e condicionam não apenas a tradução, mas a fala/escrita de modo mais geral.

A partir de uma perspectiva historiográfica sobre os tradutores na escrita da história, Jean Delisle e Judith Woodsworth também problematizam a relação entre tradutores e poder e consideram que ainda que exista a posição dos tradutores frente à instâncias mais imediatas e explícitas de exercício do poder, observamos nos últimos séculos um processo que se desenvolve desde uma posição de subordinação até uma maior agência e possibilidade de transformação por parte de alguns tradutores em posições específicas. Em capítulo sobre a relação entre os tradutores e o poder inserido na obra de Delisle e Woodsworth o estudioso da tradução André Lefevere afirma:

Em uma sociedade desenvolvida, as fontes de poder em geral não controlam diretamente as traduções, Embora possam iniciar ou encomendar traduções, não monitoram o trabalho dos tradutores e provavelmente não se detêm nos detalhes da produção desses textos (...). O poder geral do Estado só se detém nas traduções quando algo vai mal com os textos que lhe dizem respeito de forma direta (LEFEVERE, 2003, p. 145).

As considerações do autor certamente não levam em conta as complexidades de uma sociedade de vigilância como a atual. Datado de meados da década de 1990, o trabalho não poderia prever a enormidade de recursos e problemas que poderiam advir da expansão da internet banda larga, por exemplo, ou mesmo os mecanismos mais sofisticados de interação online, a exemplo de jogos e aplicativos para smartphones que possibilitam o trânsito entre línguas, culturas e nacionalidades. A intensificação desse fluxo transnacional oferece problemas e possibilidades de ação e exercício de poder mais sinuosos do que aqueles tradicionalmente percebidos pela agência do Estado. Qual o papel dos tradutores e da tradução na construção de uma diplomacia adequada a esse novo contexto?

Mais uma vez remetemo-nos ao trabalho de André Lefevere. Ao considerar as transformações sociais efetivas possibilitadas pela ação de alguns tradutores, o autor opina que:

---

<sup>18</sup> Uma perspectiva mais detalhada desse processo de inserção de outros saberes e as tensões dele resultantes pode ser obtido em Snell-Hornby, 2006.

O poder pode usar os tradutores de mais de um modo, e os tradutores se relacionam com o poder não apenas através de suas traduções. Essas relações dependem, muitas vezes, da forma como eles integram as estruturas de poder existentes e da medida em que são capazes de explorar contradições dentro dessas estruturas (LEFEVERE: 2003, p. 163).

Incorporando a posição assumida pelos autores franceses, é preciso considerar que ainda que situações de conflito de naturezas e intensidades diversas sejam constituintes da atividade do tradutor (em especial nos meios oficiais) a possibilidade e mesmo o interesse dos tradutores em se relacionarem com essas questões de modo a produzirem eles também avaliações e (poderem) interferir varia de caso a caso, de contexto a contexto. Diz respeito não apenas às escolhas de ordem subjetiva, incidindo por exemplo na escolha ou recusa de traduzir determinados materiais, mas também às condições contextuais e contingenciais de que sua participação direta seja permitida. Por fim, Lefevere argumentam mais uma vez que:

A tradução não é, e talvez nunca tenha sido, uma atividade isolada, executada independentemente das disputas de poder dentro da sociedade. Em sua maioria, os tradutores trabalham bem e com segurança, dentro dos perímetros traçados pelos poderes políticos de sua época. Os relativamente poucos tradutores que violam as normas sociais o fazem porque são capazes de usar o poder delegado, porque podem explorar sua inserção entre forças contraditórias e porque suas formas de múltiplo emprego por vezes lhes permitem uma autoridade social maior do que normalmente lhes é estendida (LEFEVERE, 2003, p. 164-165).

A inserção do tradutor no mundo da diplomacia aponta justamente para esse duplo pertencimento e eventual possibilidade de agência e transformação do mundo social de maneira mais imediata. Todavia, no contexto do trabalho aqui desenvolvido é preciso perguntar: afinal, qual o lugar do tradutor na produção de traduções de discursos diplomáticos? Importa efetivamente o tradutor ou o texto traduzido?

As características do gênero textual aqui discutido, do contexto social no qual ele circula e bem como das especificidades da tradução atravessando essas fronteiras fazem como que a atividade do tradutor esteja muito próxima a do intérprete. Assim, as fronteiras que condicionam o escrito e o falado, a tradução e a interpretação precisam ser postas de lado em favor de uma zona cinzenta que possibilite uma leitura desse material a partir de uma interseção, um *intermezzo* como dito na introdução.

No contexto da circulação de informações e documentos dentro da Organização das Nações Unidas, tradutores e intérpretes acumulam funções semelhantes e por vezes

confundem-se<sup>19</sup>. Em situações solenes e de extrema importância, como a Assembleia Geral das Nações Unidas ou em reuniões do Conselho de Segurança a produção de discursos para um público falante de línguas tão diversas envolve o trabalho árduo de tradutores e intérpretes oficiais que estão constantemente renegociando suas posições em um jogo de poder onde suas atividades são constantemente legadas à invisibilidade<sup>20</sup>.

Centrados na figura do tradutor, os instrumentos analíticos propostos por Venuti (1995) possibilitam perceber algumas das dimensões das relações de poder que perpassam a tarefa tradutória, mais especificamente os dispositivos mercadológicos e estéticos que reificam a figura do autor em detrimento do tradutor no processo de internacional circulação de textos e informações. As noções de estrangeirização e domesticação podem ser tomadas assim como plataformas de observação da relação de subordinação ou insubordinação do tradutor a esses parâmetros; em outro sentido essas ferramentas podem funcionar como indicadores do maior ou menor grau de prestígio que se atribui ao trabalho de determinados tradutores em algumas sociedades nacionais. Em todo caso, elas podem ajudar a instruir sobre a relação dos tradutores com o texto e das representações que são veiculadas a partir dos produtos dessas traduções.

No que se refere as particularidades do gênero discurso, percebe-se que há alguma resistência no que se refere ao alto grau de formalidade do meio social no qual o gênero circula. A força retórica e os recursos estilísticos usualmente manejados por Lula em seus discursos, como se perceberá ao longo da análise apresentada, perde força em razão de uma maior 'objetividade' diplomática, por vezes vaga e que anula a intrusão de itens culturalmente marcados (AIXELA, 1996), especificidades dos modos de falar de vários povos e regiões que são matizados ou apagados em função da proposta de uma maior clareza. Essas e outras questões são detalhadas durante a análise da tradução de um discurso do ex-presidente Lula no próximo capítulo.

---

<sup>19</sup> Para um maior aprofundamento sobre o trabalho dos tradutores na Organização das Nações Unidas ver o trabalho de Debora Cao e Xingmin Zhao (2008).

<sup>20</sup> Invisibilidade é tomada aqui como uma posição discursiva, tal como sugerido por Venuti (1995), quer dizer, não diz respeito a uma condição material efetiva, mas a uma dinâmica social de produção de discursos e verdades que tende a omitir a presença do tradutor, e nesse caso, também de intérpretes.

### **CAPÍTULO 3 – LULA NA ARENA INTERNACIONAL: TRADUÇÃO E CONVENÇÕES**

Neste capítulo discutimos o campo da tradução oficial e as relações entre tradução, tradutores, política e poder a partir da leitura e análise de um discurso do ex-presidente Lula proferido durante a 62ª Reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas. Tomando como eixo crítico as relações entre linguagem e política e, conseqüentemente, uma análise das relações de poder que constituem o campo da tradução, buscamos, a seguir, construir uma interpretação das estratégias tradutórias e dos efeitos de sentido produzidos pela tradução dos discursos oficiais do Lula a partir de um contexto e situação de extremo prestígio político: a fala na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Ainda que o volume de discursos proferidos por Lula seja considerável e que sua inserção em espaços internacionais seja também bastante significativa, o que se observa é que há muito pouco desse material traduzido para línguas estrangeiras. Os dados coletados não apontam para nenhuma ocasião em que Lula tivesse realizado um pronunciamento em qualquer língua estrangeira, fosse ela inglês ou espanhol, as línguas de mediação mais próximas dos parceiros econômicos brasileiros. Em boa parte das ocasiões, sempre que os textos apresentados eram em língua inglesa, em especial no portal do Palácio do Itamaraty/Ministério das Relações Exteriores, consistiam de pronunciamentos feito pelo então ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, em nome do presidente naquele momento. Esse dado se torna importante na medida em que evidencia, dentro de um contexto internacional, a importância da tradução no efetivo exercício da diplomacia. Seja em situações de conflito, guerra, disputas por recursos ou mesmo na tentativa de dissolução desses casos a mediação por uma língua comum é um componente importante na tentativa de construção de um entendimento e proposição de medidas que visem a resolução de impasses (DELISLE; WOODSWORTH, 2003; BAKER, 2006).

Uma história política das línguas é simultaneamente uma história das constantes transformações das relações de poder e, no mesmo ritmo, da diplomacia. Para melhor ilustrar essa colocação considere-se, por exemplo, a evolução daquilo que poderíamos chamar de “línguas hipercêntricas” – como as chamaria Abram de Swann<sup>21</sup>- no

---

<sup>21</sup> Estamos nos referindo ao ensaio “The Emergent world language system” publicado por Swann em 1993.

continente Europeu, e por extensão, também no resto do mundo Ocidental. Da antiguidade clássica tomando o grego, e posteriormente o latim passando pela idade moderna e a primeira metade do século XX com o francês e mais recentemente o inglês no pós-guerra, a centralidade política e linguística que essas línguas assumem podem ser pensadas de modo metonímico, como uma pequena amostra processual do desenvolvimento das relações de poder no Ocidente.

No presente capítulo buscamos apreender os modos de controle da linguagem e da circulação de textos traduzidos em contextos de poder e diplomacia. Para tanto, na primeira metade do capítulo nos dedicamos a uma análise macro dos discursos coletados evidenciando os contextos de produção, as temáticas e sua quantidade objetiva; em seguida abordamos uma amostra empírica da tradução de um dos discursos pronunciados por Lula junto à Assembleia Geral das Nações Unidas, um dos órgãos máximos da instituição, para aí avaliar se e como as especificidades que constituem o personagem são apresentadas nesse gênero específico.

### **3.1 Os discursos do Lula na arena internacional: primeiras aproximações**

A partir desse momento o discurso será considerado majoritariamente como um gênero textual inserido numa esfera maior de práticas discursivas que visam o pronunciamento público de determinadas opiniões e posições por parte de um representante, nesse caso, o representante máximo do poder executivo de um Estado.

A coleta, bem como a análise, dos dados aqui apresentada, no que concerne ao estudo macro dos discursos do Lula, se realizou através de dois grandes procedimentos: um primeiro teve como objetivo coletar todos os discursos (títulos, datas e seu texto, quando disponível) através das plataformas eletrônicas disponíveis para tal. Nesse sentido, utilizamos dois portais como forma de controle e acesso a tais informações: a Biblioteca da Presidência da República, e a página do Palácio do Itamaraty. O material coletado foi então tabelado tomando três parâmetros para análise que nos pareceram pertinentes para a análise aqui empreendida:

- (a) O ano de realização dos discursos de modo a perceber períodos de maior e menos movimentação;
- (b) O local onde o pronunciamento foi proferido, situando-os em contexto nacional ou internacional/no exterior;
- (c) E por fim o tema do pronunciamento, tomando por base sete grandes categorias que nos pareceram de maior predominância na leitura dos textos:

- i. Economia
- ii. Direitos Civis
- iii. Projetos/Políticas Sociais
- iv. Projetos de Desenvolvimento
- v. Corrupção
- vi. Diplomacia
- vii. Eventos e situações solenes gerais

Os textos que compõem o corpus aqui analisado correspondem ao período entre 2003 e 2010, período no qual se desenvolveram os dois mandatos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ao longo desse período segundo as fontes disponíveis, Lula proferiu 2.276 discursos. Nos próximos parágrafos uma apreciação detalhada do material é oferecida.

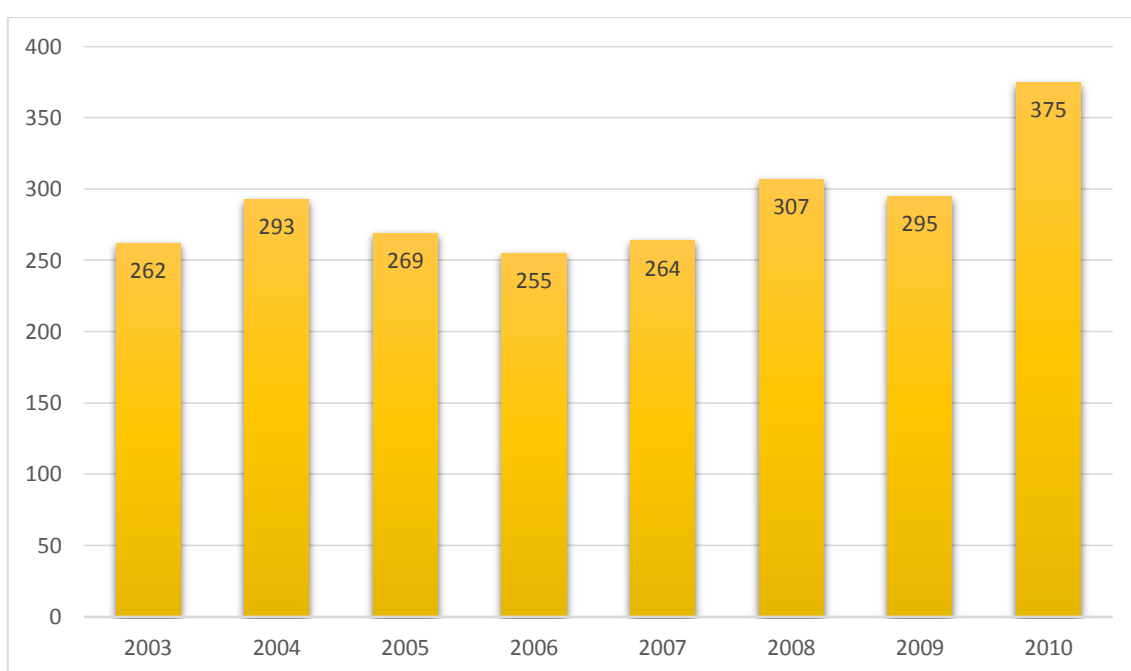
Os modos de produção dos discursos são muitos diversos. Em situações mais solenes e formais, a exemplo das Reuniões da Assembleia Geral das Nações Unidas é comum discursos preparados previamente, de caráter mais contido e rígido, ao passo que em algumas outras situações o improvisado é mais comum, a depender do nível de formalidade da situação. Em ambos os casos, a quebra de protocolo e potencial de improvisação de Lula foram repetidos por muitos comunicólogos, analistas políticos e linguistas como uma outra marca da linguagem de Lula.

### *3.1.1. – Relação discursos x anos de exercício do mandato*

A avaliação da distribuição dos discursos pronunciados pelo então presidente Lula no curso dos seus anos de mandato pode oferecer algumas pistas importantes para compreensão da mobilização e movimentação de suas ações nesse período. Nesse sentido, observa-se que em ambos os mandatos nos três primeiros anos há um movimento de parábola segundo o qual o primeiro ano se projeta com uma quantidade de pronunciamentos bastante semelhante, seguido por um leve aumento no segundo ano e declínio no terceiro (ver **Gráfico 1**). Enquanto no primeiro mandato, o último ano do mandato acompanhou o movimento da parábola e a quantidade de pronunciamentos foi reduzindo-se, no segundo mandato observa-se um gigantesco aumento no final do segundo mandato que será explicado logo adiante.

A distribuição temática é mais ou menos igual durante os anos, com leve distinção para o campo da economia. Durante o primeiro ano uma parte significativa

dos pronunciamentos tem como objetivo caracterizar o programa de governo, a proposição de projetos a serem desenvolvidos e avaliações sobre os demais poderes. O segundo ano de mandato apresenta um perfil um pouco mais propositivo; é nesse momento em que se intensificam as viagens internacionais, bem como em ambos os mandatos os poucos discursos em que o tema é efetivamente a corrupção<sup>22</sup>. Em ambos os mandatos, o segundo ano de cada mandato foi caracterizado pela eclosão de escândalos políticos, como o escândalo da Máfia dos Bingos, em 2004 e, a partir do segundo semestre de 2005, com o início das denúncias que iriam irromper no escândalo do Mensalão.



**Gráfico 1:** Distribuição dos discursos pronunciados pelo ex-presidente Lula entre 2003 e 2008.

A distribuição dos discursos nos anos de mandato também pode informar um pouco sobre a presença de Lula em situações da arena política internacional, a exemplo das suas participações no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça, nas reuniões do MERCOSUL e mesmo nas Assembleias da ONU, como será analisada adiante.

### 3.1.2 – Contexto de pronunciamento do discurso

---

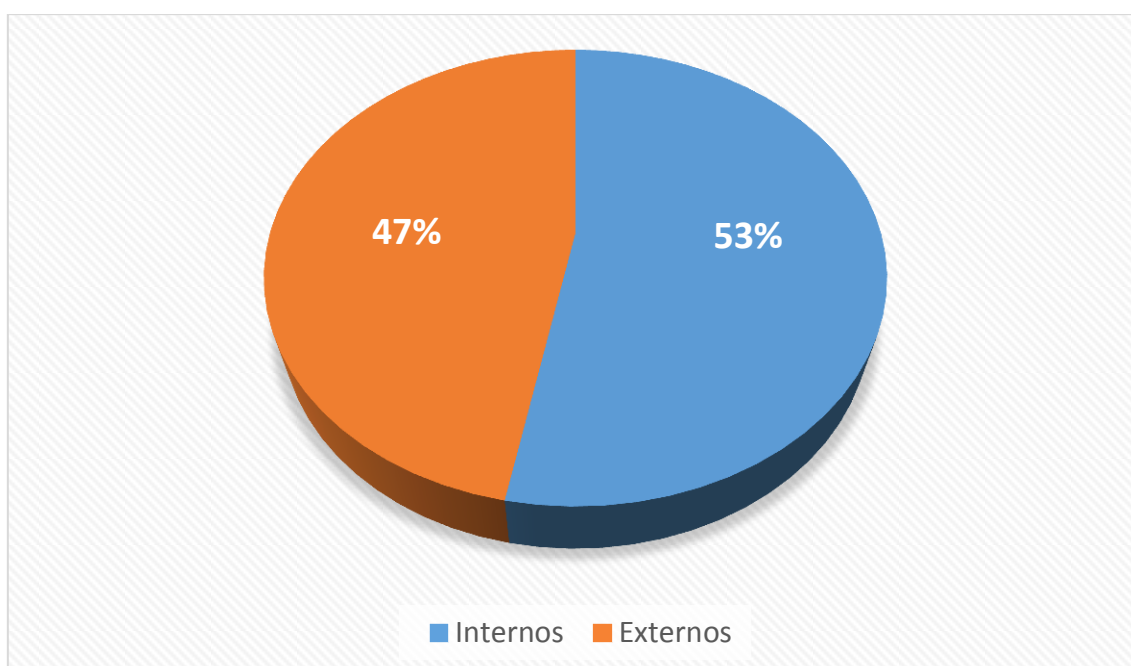
<sup>22</sup> Isso não significa que Lula não tenha se pronunciado publicamente de modo efetivo sobre as denúncias de corrupção; o que se pode sugerir é que esses momentos tenham sido escoados para outras situações menos formais do que os pronunciamentos de discursos, a exemplo de entrevistas cedidas à imprensa em atividades de visita ou inaugurações de obras. No escopo dos dados colhidos pelo trabalho essa é apenas uma hipótese tendo em vista que as entrevistas cedidas pelo personagem não foram analisadas.



A inserção de Lula no cenário internacional e, a partir disso, sua intensa agenda de viagens foi convertendo-se em alvo de crítica durante os primeiros anos de mandato. Aquém da importância diplomática de tais viagens, veículos de comunicação desdobravam-se em críticas aos escândalos de corrupção e a possível ausência do presidente por um lado, enquanto programas cômicos convertiam a situação em piadas. Chavões como “Olha o Lula indo, olha o Lula vindo” fazendo referência às chegadas e partidas do presidente ocuparam páginas de noticiários durante meses.

A repercussão midiática das viagens de Lula não é o que importa nesse trabalho; ao contrário, consideramos que do ponto de vista de uma analítica da tradução tal movimentação é uma arena fértil de análise tendo em vista que é nesses espaços onde a necessidade de intervenção de tradutores e intérpretes se faz mais fundamental.

Uma análise dos contextos de realização dos pronunciamentos dos discursos coletados, se no Brasil ou se no exterior oferecem uma importante visualização nesse sentido: 47% dos discursos proferidos foram realizados em países do exterior, enquanto 53% desses foram realizados no Brasil (ver **Gráfico 2**).



**Gráfico 2:** Contexto de realização dos discursos pronunciados por Lula entre 2003 e 2010

A grande circulação de Lula pelo mundo no curso dos seus oito anos de mandato pode ser visualizada através de informações oferecidas pelo Ministério das Relações Exteriores, em seu levantamento da atividade diplomática do ex-presidente pelo mundo

para realização de atividades diversas, em especial para o estabelecimento de acordos de cooperação internacionais (bi e multilaterais), conforme se vê na Quadro 5.

TOTAL DE VISITAS INTERNACIONAIS DO SR PR POR PAÍS OU TERRITÓRIO 2002-2010											
País	Bilaterais	Multilaterais	País	Bilaterais	Multilaterais	País	Bilaterais	Multilaterais	País	Bilaterais	Multilaterais
Venezuela	13	3	Países Baixos	3	0	Argélia	1	0	Namíbia	1	0
Argentina	12	8	Itália	2	4	Áustria	1	0	Nicarágua	1	0
Bolívia	7	2	Rússia	2	2	Benin	1	0	Noruega	1	0
EUA	6	10	China	2	1	Botsuana	1	0	Palestina	1	0
Paraguai	6	3	Índia	2	1	Burkina Faso	1	0	Panamá	1	0
Colômbia	6	1	Angola	2	0	Cameroun	1	0	Quênia	1	0
Uruguai	5	4	Moçambique	3	0	Cazaquistão	1	0	Rep. Dominicana	1	0
Espanha	5	2	Turquia	2	0	Congo	1	0	Rep. Tcheca	1	0
França	5	1	Ucrânia	2	0	Costa Rica	1	0	Senegal	1	0
Chile	4	4	Vaticano	2	0	Egito	1	0	Síria	1	0
Peru	4	3	Japão	1	2	Emirados Árabes	1	0	Tanzânia	1	0
Reino Unido	4	2	Dinamarca	1	2	Finlândia	1	0	Timor Leste	1	0
Cuba	4	0	Guiana	1	2	Gabão	1	0	Vietnã	1	0
Portugal	3	4	Bélgica	1	1	Guiné-Bissau	1	0	Zâmbia	1	0
México	3	3	Cabo Verde	1	1	Guiné Equatorial	1	0	Suíça	0	7
África do Sul	3	2	Catar	1	1	Honduras	1	0	Suriname	0	1
Alemanha	3	2	Coreia do Sul	1	1	Indonésia	1	0	Trinidad & Tobago	0	1
Equador	3	1	Gana	1	1	Irã	1	0	<b>Território</b>	<b>Bilaterais</b>	<b>Multilat.</b>
El Salvador	3	1	Nigéria	1	1	Israel	1	0	Antártida	1	0
Guatemala	3	0	São Tomé e Príncipe	1	1	Jamaica	1	0	Guiana Francesa	1	0
Haiti	3	0	Suécia	1	1	Jordânia	1	0			
Líbia	3	0	Arábia Saudita	1	0	Libano	1	0			
<b>TOTAL: 83 PAÍSES E 2 TERRITÓRIOS VISITADOS</b>											

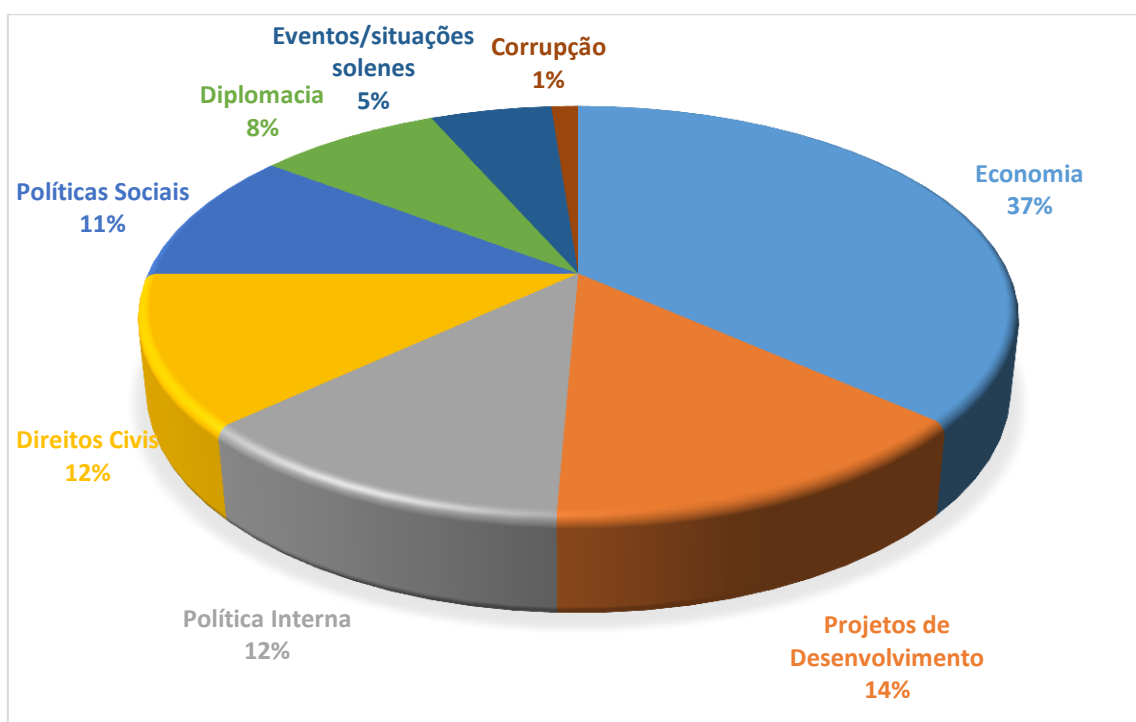
**Quadro 5:** itinerários diplomáticos do ex-presidente Lula no curso de seus mandatos (2003-2010). Fonte: Napoleão (2011, p. 09)

A apreciação da Quadro 1 oferece algumas pistas para se pensar a inserção de Lula na arena internacional, a exemplo do peso que tem as viagens aos países da América do Sul, em especial aqueles integrantes do MERCOSUL que somam a maior parte das viagens de compromisso do ex-presidente, seguido pelos países europeus. Esses são os dois maiores contextos de inserção do Lula. Fora desses contextos, a maior parte das visitas diplomáticas do presidente ocorreram nos Estados Unidos. Aquém das informações sobre acordos multi e bilaterais apresentadas pela Quadro 1, é possível apontar pelo menos mais cinco visitas de Lula aos Estados Unidos, em especial à cidade de Nova York, que tiveram como objetivo sua participação na Assembleia Geral das Nações Unidas, das quais ele participou efetivamente como chefe-de-Estado entre 2005 e 2009. Os pronunciamentos de Lula e suas traduções nesse evento constituirão o objeto de análise deste trabalho no próximo capítulo.

### *3.1.3 Temáticos dos discursos*

Os discursos proferidos por Lula distribuem-se entre os mais diversos temas; desde questões da política econômica, projetos vinculados aos programas sociais do governo bem como sobre campanhas e obras realizadas no curso da sua administração. A partir da leitura dos discursos proferidos foi possível observar a recorrência de oito grandes eixos temáticos nos quais os temas poderiam ser agrupados. O primeiro eixo é o da Economia e diz respeito aos pronunciamentos onde se comenta sobre a política econômica e o andamento de indicadores de desenvolvimento como inflação, poder de compra, entre outros. O segundo eixo diz respeito aos Projetos de Desenvolvimento, onde são discutidos não apenas os problemas que condicionam o crescimento econômico e social do país mas também as iniciativas do governo para resolvê-los, a exemplo do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, uma das marcas da gestão de Lula. A Política Interna é o eixo segundo o qual Lula se posiciona e faz comentários a respeito dos debates políticos mais amplos na esfera nacional, a exemplo de tensões regionais advindas da discussão de programas de desenvolvimento ou políticas sociais. No eixo Direitos Civis aparecem os pronunciamentos onde são debatidos principalmente temas relativos à Educação, Saúde e Segurança Pública do Estado. Políticas Sociais diz respeito aos programas sociais instituídos pelo governo, a exemplo do Fome Zero, Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida. O eixo diplomacia diz respeito aos pronunciamentos do ex-presidente sobre questões de política internacional em fóruns e espaços diplomáticos específicos, ocasiões nas quais temas diversos poderiam se tornar pauta, desde a economia (como no Fórum Econômico Mundial de Davos) até conflitos armados (a respeito, por exemplo, do envio de soldados brasileiros ao Haiti). Os dois últimos eixos são eventos ou ocasiões solenes, caracterizados pela participação e pronunciamentos em situações nacionais e internacionais diversas, a exemplo da diplomação de cadetes ou da tomada de posse de presidentes nos países vizinhos com algum tipo de parceria; o último tópico, corrupção, é o de menor movimentação na modalidade discurso e diz respeito aos pronunciamentos do presidente comentando denúncias ou escândalos de corrupção bem como a proposição de ações e iniciativas para seu combate.

O Gráfico 3, apresentado abaixo, oferece uma visualização da distribuição desses temas nas falas do personagem analisado e possibilitam entrever alguns dos principais interesses e temáticas abordadas publicamente pelo então presidente nos anos de mandato.



**Gráfico 3:** Distribuição temática dos discursos de Lula ao longo do período 2003-2010<sup>23</sup>

Como se percebe pelo gráfico, as questões voltadas à economia de modo geral são o tema a respeito do qual nos seus oito anos de mandato Lula mais se pronunciou, ocupando esse tema mais que um terço das ocasiões de fala. Se considerarmos a economia sob uma chave mais ampla, podemos considerar que questões relativas aos projetos de desenvolvimento, que possibilitariam maiores investimentos em infraestrutura, bem como a distribuição das riquezas pelos diversos estratos sociais poderíamos dizer que esse é o tema predileto do personagem, ou aquele sobre o qual ele é mais cobrado. Nesse sentido, é preciso esclarecer que durante os oito anos de seu mandato, a economia brasileira presenciou um período de prosperidade e sucesso.

A seguir buscamos oferecer uma contribuição qualitativa para esses dados tomando-os à luz dos estudos da tradução e da análise textual. Com base em uma amostra empírica buscamos verificar como as particularidades da personagem e sua inserção na arena política internacional podem ser percebidas através da tradução de seus pronunciamentos oficiais.

<sup>23</sup> Para uma leitura mais objetiva: Economia: 833; Projetos de Desenvolvimento: 320; Direitos Civis: 271; Políticas Sociais: 237; Corrupção: 27; Política Interna: 282; Diplomacia: 184; Eventos e ocasiões solenes: 122.

### **3.2 – Análise do discurso do Lula na 62ª Assembleia Geral das Nações Unidas**

A inserção de Lula junto à arena diplomática internacional iniciou-se já com sua eleição para presidente no Brasil, momento em que na condição de presidente eleito participou ativa e previamente de alguns debates junto a aliados pela América do Sul, a exemplo de Venezuela, Argentina e Bolívia. A participação de Lula na Organização das Nações Unidas tem início já em 2005, como se vê no Quadro apresentado no Anexo 2. Na ocasião, Lula foi convidado a participar da reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Antes de darmos andamento à análise, talvez algumas notas sobre o funcionamento da Organização das Nações Unidas sejam importantes para situar a importância e maior destaque de alguns discursos em detrimento de outros, bem como os efeitos que uma ou outra pauta pode ter e os efeitos de sua apreciação.

A Organização das Nações Unidas foi fundada em 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de zelar pela manutenção da paz e possibilitar o estabelecimento de canais diplomáticos de negociação e solução de conflitos internacionais. Na ONU são debatidos temas que giram em torno da segurança internacional, desenvolvimento social e econômico, direitos humanos e direito internacional. Sua estrutura funcional, está dividida em várias instâncias administrativas, entre as quais pode-se mencionar a Assembleia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Secretariado e o Tribunal Internacional de Justiça. Todavia, seu funcionamento está articulado às ações de outras organizações que lhe são subsidiárias, a exemplo da UNESCO.

Na Assembleia Geral das Nações Unidas têm direito à fala e voz todos os países membros (193 atualmente, além da Palestina, e da Santa Sé, vinculada ao Vaticano), cada um sendo portador de um voto nas discussões colocadas em pauta. Na Assembleia Geral das Nações Unidas, além dos representantes oficiais dos Estados membros, também comparecem os chefes de Estado e autoridades nacionais convidados. A Assembleia é o órgão deliberativo mais importante da instituição. É em geral na Assembleia Geral que boa parte dos temas gerais é discutida e apreciada, e quando necessário, encaminhada aos Conselhos competentes para discussão. Nos conselhos, os votos são distribuídos de maneira diferente – no Conselho de Segurança, por exemplo, é composto por 15 países, dos quais 5 são membros permanentes (China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia) e os demais são rotativos e eleitos bianualmente pela

Assembleia Geral. No Conselho de Segurança apenas membros permanentes têm poder de voto.

Como afirmam Deborah Cao e Xingmin Zhao (2008), todos os documentos que circulam em reuniões da ONU devem ser traduzidos para pelo menos duas (inglês e francês) das seis línguas oficiais da instituição, com o objetivo de torná-los acessíveis a um contexto diplomático mais amplo que envolve falantes de dezenas de línguas nacionais. Segundo os autores, trata-se de um trabalho com demandas e especificidades próprias decorrentes de uma história de mais de 60 anos que se insere na esteira de longas discussões diplomáticas arroladas pela arena internacional (CAO; ZHAO, 2008, p.39.). Ainda a respeito da circulação de línguas estrangeiras em documentos escritos e falas, os autores afirmam que:

Declarações feitas em língua oficial nas reuniões formais são interpretadas simultaneamente para as outras línguas oficiais do corpo de intérpretes da ONU. Se uma delegação deseja falar em uma língua que não seja oficial, deve-se suprir com um intérprete para interpretar o pronunciamento ou traduzi-los para uma das línguas oficiais. Esse texto é então renderizado para as outras línguas do sistema de revezamento (CAO; ZHAO, 2008, p. 40)<sup>24</sup>.

É esse o caso dos pronunciamentos proferidos pelo ex-presidente Lula. Não sendo o português uma das línguas oficiais da ONU, bem como a maior facilidade de expressão e desejo de Lula em comunicar-se em português, boa parte dos discursos e pronunciamentos realizados na ONU circularam como documentação interna do Itamaraty / Ministério das Relações Exteriores junto ao corpo de tradutores e intérpretes da ONU. Essa é uma das hipóteses que pode justificar o pouco volume de textos traduzidos, ou melhor dizendo, a falta de acesso público a esse tipo de material. Essa hipótese é confirmada também pela estética do documento aqui analisado: papel timbrado com as insígnias oficiais e emitido pela página do Palácio do Itamaraty (cf. Anexo 3).

É importante ainda notar, no plano da análise aqui construída que tais discursos são construídos não apenas pelos representantes responsáveis pela sua leitura, neste caso, o chefe-máximo do Estado Brasileiro, mas também por uma ampla equipe de assessores e representantes de setores específicos e agentes ministeriais. São

---

<sup>24</sup> Tradução nossa: “Statements made in an official language at a formal meeting are interpreted simultaneously into the other official languages of the body concerned by UN interpreters. If a delegation wishes to speak in a language that is not an official language, it must supply an interpreter to interpret the statement or translate it into one of the official languages. It is then rendered into the other languages by a relay system”.

caracterizados assim por um rigor formal que muitas vezes destoam dos traços de personalidade das falas espontâneas daqueles que os leem ou os escrevem. Sobre eles não recai nenhuma autoria formal, ainda que do ponto de vista pragmático e discursivo da atividade, a responsabilidade sobre o que é dito e argumentado seja atribuída àquele que o pronuncia.

O discurso proferido por Lula na ocasião de sua segunda participação junto à 62ª Assembleia Geral das Nações Unidas ocupou um dos momentos mais célebres da reunião: a abertura do debatedor (cf. Anexo 4). O discurso proferido tinha como tema a responsabilidade dos Estados nacionais na redução da desigualdade social em todo o mundo, e expunha alguns dos projetos do Brasil que iam rumo a esse objetivo, em especial aqueles vinculados ao Projeto Objetivos do Milênio<sup>25</sup>, instituídos pela ONU em 2005. No texto, a tônica da garantia de modos de vida dignos para mulheres, homens e crianças – característica de seus discursos, por vezes incluindo elementos da trajetória de vida – é presente, ainda que excluindo elementos de caráter pessoal ou biográfico.

Outra marca de sua produção, as sequências injuntivas como “companheiros e companheiras”, “senhoras e senhores”, entre outras são constantes na redação e por vezes ignoradas ou omitidas na tradução, como se vê nos fragmentos abaixo:

**Quadro 6:** Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para o tratamento empregado nas sequências textuais injuntivas

	<b>Discurso em português</b>	<b>Versão oficial em inglês</b>
B02	Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas, <b>Senhoras e senhores</b> delegados,	Secretary General of the United Nations, <b>Delegates</b> ,
B30	Meus amigos e minhas amigas	Ø
B35	Senhor Presidente, <b>senhor Secretário-Geral</b> ,	Mr. President (Ø)

Na argumentação de Lula, tais sequências injuntivas têm como principal efeito a criação de uma atmosfera de proximidade entre emissor e destinatário, por vezes nomeando-os e chamando sua atenção, potencializando as funções fáticas da linguagem.

<sup>25</sup> O Projeto Metas do Milênio foi instituído em 2000 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e propõe que os países signatários da proposta alcancem 8 metas até 2015: acabar com a fome e a miséria; educação básica de qualidade para todos; igualdade entre os sexos e valorização da mulher; redução da mortalidade infantil; melhorar a saúde das gestantes; combater a aids, a malária e outras doenças; qualidade de vida e respeito ao meio ambiente; e incentivar que todos trabalhem pelo desenvolvimento. Para mais ver [www.objetivosdomilenio.org.br](http://www.objetivosdomilenio.org.br)

Além desse aspecto retórico, as construções injuntivas, em especial no modo como Lula as utiliza (em ambos os gêneros e por vezes situando os sujeitos nas posições que assumem dentro de uma estrutura de relações), compõem parte de uma estilística política próximas aos movimentos e orientações políticas de esquerda típicos da América Latina. Na tradução tais elementos são constantemente omitidos e ignorados, possivelmente com o objetivo de construir textos mais claros dentro de uma estilística do inglês “internacional”, ou seja, um inglês que ignora especificidades locais em favor de uma comunicação transnacional.

Na construção do texto traduzido chama a atenção também a adoção de construções com níveis de gradação distintos. Aqui refere-se a noção inglesa de *degree* como instrumento de comparação. O que se observa é que os níveis, ou *degrees* das construções valorativas que implicam uma tomada de posição por parte do emissor são percebidas e retextualizadas em níveis distintos na comparação entre o texto em língua portuguesa e o texto em língua inglês. Esses diferentes graus produzem avaliações distintas sobre a posição do emissor em contexto nativo e em contexto estrangeiro. Alguns exemplos são apontados nos fragmentos a seguir.

**Quadro 7:** Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para o uso de gradações

	<b>Discurso em português</b>	<b>Versão oficial em inglês</b>
B08	O mundo, porém, <b>não modificará</b> a sua relação irresponsável com a natureza...	The world <b>will not correct</b> its irresponsible relationship with nature
B09	Se queremos salvar o patrimônio comum, <b>impõe-se</b> uma nova e mais equilibrada repartição das riquezas	If we want to salvage our common heritage, a new and more balanced distribution of wealth <b>is needed</b>
B10	Os países mais industrializados <b>devem dar o exemplo</b>	Highly industrialized <b>countries can and must set the example</b>
B12	A Floresta Amazônica <b>é uma das áreas que mais poderão sofrer</b> com o aquecimento do Planeta	The Amazon forest is <b>one of the areas most vulnerable</b> to global warming
B15	Estou seguro de que nossa experiência no tema <b>pode ser útil</b> a outros países	I am convinced that our experience <b>can enrich similar</b> endeavours in other countries



Como se percebe na leitura e comparação dos fragmentos, muitos dos casos graduam as construções em língua portuguesa através da adoção de estratégias que simplificam ou explicitam as construções do texto de partida. É visível também, como nos fragmentos B09 e B10 a adoção de construções mais enfáticas e enérgicas: *impõe-se/is needed* (é necessário) e *devem dar o exemplo/can and must set the exemple* (pode e deve dar o exemplo). Como efeito, construções frasais menos objetivas ou duvidosas são retextualizadas construindo uma imagem mais assertiva do emissor sobre os temas em questão. Observe-se, também, a forma como a sugestão de que sem transformações radicais na relação dos seres humanos com o meio ambiente “o mundo não mudará” é convertida em uma construção moralizada que sugere uma relação de erro-correção através da construção “*The world will not correct*” que ignora a possibilidade de construções verbais mais dinâmicas que sugerem a ideia de transformação, a exemplo de *change, transform, ou turn*.

Uma estratégia semelhante parece ter sido adotada na tradução do fragmento B12, ao comentar sobre a situação da Floresta Amazônica no contexto das práticas de degradação ambiental. Aqui as construções colocadas como equivalentes “uma das que mais poderão sofrer” e “one of the most vulnerable” são construídas de modos distintos e justapõem as posições de possível vítima (poderá sofrer) e sujeito vulnerável (*vulnerable*). Ademais da construção valorativa, percebe-se também um desnível na consideração sobre as certezas. Ao passo que o fragmento em língua portuguesa parece ser sugestivo e cogitar os dados à floresta como uma possibilidade, a construção em língua inglesa o toma como certeza: *is the most vulnerable*.

A forma como o tradutor lida com os substantivos próprios e expressões idiomáticas ou culturalmente marcadas também aparece em determinados fragmentos do texto. Aqui se observa a distribuição de duas estratégias: a tradução direta dos termos e a adoção de construções semanticamente próximas, mas culturalmente distintas. O primeiro caso pode ser observado nos fragmentos B27 e B29 quando o autor faz referências a programas sociais e iniciativas criadas ao longo dos projetos de desenvolvimento social e integração internacional das políticas econômicas: Programa Fome Zero, Ação Global Contra a Fome e a Pobreza e Central Internacional de Compra de Medicamentos.

**Quadro 8:** Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para as estratégias de tradução de itens culturalmente marcados

	Discurso em português	Versão oficial em inglês
B10	Os países mais industrializados devem dar o exemplo	Highly industrialized countries can and must set the example
B13	Um resultado como este não é obra do acaso.	Results like that come as no surprise.
B17	Precisamos avaliar o caminho percorrido e estabelecer novas linhas de atuação	We need to review what has been achieved since then, and set a new course of action.
B27	Honramos o compromisso do Programa Fome Zero ao erradicar esse tormento da vida de mais de 45 milhões de pessoas	We have honoured our commitment to Zero Hunger, by sweeping away this scourge from the lives of over 45 million people
B29	Ação Global contra a Fome e a Pobreza	Global Action Against Hunger and Poverty
B29	Central Internacional de Compra de Medicamentos.	International Drug Purchase Facility

Os fragmentos aqui expostos, de modo geral, apontam para uma recorrência presente em todo o texto: traduz-se tudo, invariavelmente. Seguindo os preceitos estilísticos exigidos pela ONU, a produção de textos incentiva a clareza e fluência em detrimento de manobras mais ousadas e estrangeirizadoras, como poderia sugerir Lawrence Venuti (1995). O objetivo é facilitar a leitura do documento por parte dos leitores da língua de chegada. Todavia, esse processo por vezes encontra dificuldades ao esbarrar com itens marcados, a exemplo de expressões regionais e frases feitas. Na esteira dessas dificuldades, observou-se a recorrência de estratégias textuais que visam a simplificação ou explicitação desses itens em construções que por vezes compõem o itinerário linguístico da língua inglesa (devem dar o exemplo = can and must set the example), ou simplesmente buscam reconstruir o núcleo semântico da expressão dentro das possibilidades da língua de chegada (como acontece nos fragmentos B13 e B17). Tais estratégias vão de encontro às considerações tecidas por Válmí Hatje-Faggion em sua análise dos itens culturalmente marcados nas traduções dos romances do Machado de Assis. Para o autor:

Para traduzir obras culturalmente marcadas, os tradutores parecem favorecer estratégias que transcrevam a palavra ou expressão ou transcreverem e adicionarem uma explicação que pode estar no corpo do texto ou em nota de rodapé. Porém, em alguns casos, os tradutores tendem a substituir as palavras ou expressões por palavras mais familiares na cultura de chegada (HATJE-FAGGION, 2011, p.87)

Certamente as considerações do autor dizem respeito ao domínio da tradução literária, onde de algum modo há espaço maior para a introdução de notas de rodapé ou explicações. As especificidades do gênero textual em questão e seu modo de circulação/uso inviabilizam a inserção de estruturas auxiliares à compreensão, a exemplo das já referidas notas, ou glosas explicativas.

Na amostra analisada não foram identificados no curso do texto glosas explicativas, ainda que adjetivos, preposições e conjunções adicionais fossem identificados como mecanismos de manutenção da coesão textual. Ainda no que diz respeito aos mecanismos de construção e manutenção da coesão textual, chama a atenção os recursos de referenciação construídos no texto em língua portuguesa e sua versão em língua inglesa. Exemplos desse tipo de relação abundam no fragmento do discurso relativo às biocombustíveis e sua importância na construção de um mundo ambientalmente sustentável, conforme o argumento desenvolvido. Fragmentos desse contraste são apresentados a seguir:

**Quadro 9:** Fragmentos do discurso de Lula e sua tradução para o inglês com destaque para a renderização dos mecanismos de referenciação

	<b>Discurso em português</b>	<b>Versão oficial em inglês</b>
B19	<b>Eles</b> [os bio-combustíveis] reduzem significativamente as emissões de gases de efeito estufa	<b>Bio-fuels</b> significantly reduce greenhouse gas emissions
B20	<b>O etanol e o biodiesel</b> podem abrir excelentes oportunidades para mais de uma centena de países pobres e em desenvolvimento na América Latina, na Ásia e, sobretudo, na África	<b>They</b> can open up excellent opportunities for over a hundred poor and developing countries in Latin America, Asia and, especially, Africa.
B24	<b>Decidimos</b> estabelecer um completo zoneamento agroecológico do País	<b>Our Government</b> has decided to implement a complete agro-ecological zoning of the country

Como se percebe nos fragmentos B19 e B20 há uma constante inversão dos mecanismos de referenciação tradicionais da língua inglesa. A adoção dos pronomes como mecanismo de referenciação compete junto a adoção de construções substantivas, como se vê no fragmento B19. Hipóteses para tal construção pode ser o ideal estético de clareza textual ou mesmo o desconhecimento das particularidades da língua inglesa quanto à referenciação e coesão. Outro caso curioso é a inserção de um sujeito no

fragmento B24 onde um sujeito oculto é explicitado através da locução “our government”.

\*\*\*

Como se percebeu ao longo da análise, os elementos distintivos que caracterizam a fala de Lula não se conservaram ou se fizeram notar com tanta explicitação quanto em outros gêneros textuais e espaços sociais de comunicação. De modo semelhante. Os textos traduzidos não incorporaram os poucos elementos característicos do modo de expressar que caracterizaram o Lula. Não foi encontrado no corpo do texto analisado qualquer metáfora, ou mesmo remissões à trajetória de vida que pudessem aproximar esse modo de falar de uma apreensão mais espontânea. Justificativas para tal constatação pode ser o rigor formal do gênero em especial devido ao seu contexto de circulação: reuniões oficiais da maior arena diplomática do mundo atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo geral contemplar as relações entre linguagem e política à luz dos estudos de tradução tomando como mote para análise as traduções dos discursos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em um contexto fortemente caracterizado pelo debate sobre tensões e conflitos em escala global e pelo exercício da diplomacia: a Organização das Nações Unidas, a ONU. Tomando a ONU como um espaço privilegiado para se pensar a produção e circulação de traduções, bem como mecanismos de controle da linguagem nos interessou particularmente perceber como se apresentavam as relações entre (a) tradução, tradutores e poder, (b) sujeito, experiência de vida e linguagem, (c) linguagem, política e sociedade, (d) diplomacia, tradução e poder.

A partir da interseção entre essas regiões tentamos desenvolver uma análise capaz de pensar as particularidades de um modo específico de falar que se tornou símbolo de um momento histórico da sociedade brasileira, e como esse modo particular se apresentava em pronunciamentos oficiais marcados por um rigor formal e diplomacia. O intuito maior consistiu em pensar como esses elementos eram posteriormente renarrados em traduções. Para tanto utilizamos de instrumentos analíticos e teóricos dos estudos de tradução e dos estudos da linguagem, com especial atenção para aqueles que se detinham sobre como a produção de discursos e enunciados é perpassada por relações de poder.

Na análise pudemos constatar que, ainda que houvesse uma intensa produção de discursos por parte do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao longo dos oito anos de seu mandato, ainda é muito pouco a quantidade material disponível em línguas estrangeiras e de acesso público frente a quantidade de situações ocorrendo fora do contexto brasileiro (43% dos pronunciamentos coletados foram realizados em outros países, principalmente da América do Sul e Europeus).

Do total de experiências realizadas no exterior, 11 delas se deram efetivamente em atividades da ONU, uma parte significativa em participações na Assembleia Geral das Nações Unidas, o órgão deliberativo máximo da instituição. É surpreendente ainda que, das quatro situações na quais Lula tenha atuado como argumentador no debate central, apenas uma dessas falas tenha sido traduzida para língua inglesa. Esse dado se torna estranho ao considerarmos que todos os documentos processados nas reuniões da ONU são traduzidos para pelo menos inglês e francês – as línguas oficiais do

Secretariado -, e eventualmente para o árabe, mandarim, russo e espanhol, que juntas compõem as seis línguas oficiais nas quais os documentos devem ser processados (CAO; ZHAO, 2008).

A análise do texto que serviu como amostra não evidenciou a presença dos mecanismos de linguagem distintivos da fala do Lula e que tornaram seu modo específico de comunicar tão curioso e chamativos para estudiosos da comunicação e das relações políticas. O modo despojado e retoricamente cativante de grandes públicos aqui é deixado de lado em favor de um posicionamento mais distanciado e vago, diplomaticamente neutro de posições extremadas. Cobrança e sobriedade se misturam sem fazer referência a responsáveis direitos e cúmplices.

Mais que uma relação entre texto de partida e texto de chegada, ou entre originais e traduções, a análise sugere que as distinções encontradas na comparação entre os textos se insere em uma relação construída a partir dos contextos. Para todos os efeitos, consideremos que as distinções e contrastes evidenciados no material analisado, dizem respeito a uma relação entre textos produzidos e circulando no contexto nacional e para um público nacional versus textos produzidos e circulando para um público internacional.

Ainda que a tradução desempenhe um papel importante nesse meio, retomando algumas das colocações de Lefevere apresentadas anteriormente, ela ocupa um lugar de pouca visibilidade, é *secundária*. É um item acessório nas relações de poder aí travadas, ainda que seja um componente indispensável à construção dos diálogos e pontes a que a atividade diplomática se propõe.

Aqui as relações entre linguagem e política se evidenciaram em termos da construção de uma linguagem controlada que evita ao máximo construções que denunciem a origem ou localização dos sujeitos em favor de uma plataforma única que é traduzida em termos de avaliações estilísticas e retóricas que privilegiam a fluência, objetividade e a clareza dos conteúdos narrados.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AIXELÁ, Javier Franco. “Cultural Specific Items in translation”. In: ÁLVAREZ, Román; VIDAL, Carmem-África. (Orgs.). **Translation, power, subversion**. Clevedon: MultilingualMatters, 1996. p. 52-78.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é e como se faz. 49ª edição. São Paulo: edições Loyola 2007.

CAO, Deborah; ZHAO, Xingmin. “Translation at the United Nations as specialized translation”. In: *Journal of Specialised translation*, n. 9, vol.1. 2008.

CARMO, Cláudio Márcio. “Implicações socioculturais e ideológicas da tradução de textos sensíveis: reflexões a partir do pai nosso e suas múltiplas possibilidades de leitura”. In: *Linguagem em (Dis)curso*, vol 11, n.1. Tubarão (SC), 2011, p 127-148.

BAKER, Mona. **Translation and conflict**. Nova York/Londres: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. “Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. In: *Target – International Journal of Translation Studies*, vol. 7, n.1. John Benjamins, 1995. p.223-243.

BELLUSO, Luis Gonzaga. “Os anos do povo”. In: SADER, Emir (Org). **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**. São Paulo: Boitempo editorial/FLACSO, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs** – volume 5. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia de Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. 1ª edição - Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 13ª edição. São Paulo: edições Loyola, 1996.

HERMANS, Theo (ed). **The Manipulation of literature**: studies in literary translation. Londres: Cromm Helm, 1985.

HATJE-FAGGION, Válmí. “Tradutores em caminhos interculturais – a tradução de palavras culturalmente determinadas”. In: BELL-SANTOS, Cynthia Ann; ROSCOE-BESSA, Cristiane; HATJE-FAGGION, Válmí; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Tradução e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. P.73-89.

KOCH, Ingedore Villa; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEFEVERE, André. “Os Tradutores e o poder”. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. Tradução de Sérgio Bath. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

LI, Jingjing. **Translating Chinese Political Discourse: a functional-cognitive approach to English translations of Chinese political speeches.** Tese de Doutorado em Filosofia. Salford: Universidade de Salford, 2013.

LIMA, Carlucci Medeiros de Souza. **Da Posse ao “mensalão”:** aspectos linguísticos do discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na presidência da República. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009.

LULA DA SILVA, Luiz Inácio. “O necessário, o possível e o impossível (entrevista concedida a Emir Sader e Pablo Gentili)”. In: SADER, Emir (Org). **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil.** São Paulo: Boitempo editorial/ FLACSO, 2013.

\_\_\_\_\_. **Discursos selecionados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.** Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “Gêneros textuais: definições e funcionalidades”. In: DIONISO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) **Gêneros Textuais & Ensino** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

NAPOLEÃO, Thomas Mayer Alexandre. **Relatório de visitas internacionais do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de visitas ao Brasil de Chefes de Estado e de Chefes de Governo entre janeiro de 2003 e dezembro de 2010.** Brasília: Ministério das Relações Exteriores/ Secretaria de Planejamento Diplomático, 2011.

SARDINHA, Tony Berber. “Lula e a metáfora da conquista”. In: Linguagem em (Dis)curso, vol.8, n.1. Tubarão (SC), 2008. p.93-120.

SCHÄFFNEER, Christina. “Political discourse analysis from the point of view of translation studies”. In: Journal of Language and Politics, vol.3, n.1. 2004. p.117-150.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of translation studies: new paradigms or shifting viewpoints?** Amsterdam: John Benjamins, 2006.

SWANN, Abram de. “The Emergent World Language System”. In: International Political Science Review, vol. 14, n. 3. 1993.

VENUTI, Lawrence. **The Translator’s invisibility.** Londres/Nova York: Routledge, 1995.



## ANEXOS

### ANEXO 1

#### DISCURSO DE POSSE DE LULA POR OCASIÃO DE SEU PRIMEIRO MANDATO

A1	PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA APÓS A CERIMÔNIA DE POSSE
A2	Meus companheiros e minhas companheiras, Excelentíssimos Senhores Chefes de Estado presentes nesta solenidade, Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil, Meu querido companheiro José Alencar, meu Vice-Presidente da República, Minha companheira querida, Dona Marisa, esposa do José Alencar,
A3	Minha querida esposa Marisa que [sic], juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é meu, mas um sonho do povo deste País, que queria mudança.
A4	<p>Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.</p> <p>Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.</p>
A5	<p>Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que nós iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua autoestima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.</p>
A6	<p>Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou dia 27 de outubro, (sic) antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando por conquistar a democracia e a liberdade.</p>
A7	<p>Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz</p>

A8	<p>dos anseios de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.</p> <p>Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.</p>
A9	<p>Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.</p>
A10	<p>O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.</p>
A11	<p>Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que [n]o meu governo, o Presidente, o Vice e os Ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.</p>
A12	<p>Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para Governador e três para Presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar aonde nós chegamos.</p>
A13	<p>Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, que vieram de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, que vieram do Maranhão, do Piauí, do Ceará, que vieram do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de</p>

	<p>Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições.</p>
A14	<p>Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.</p>
A15	<p>E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.</p>
A16	<p>Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório.</p>
A17	<p>Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranqüilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país.</p>
A18	<p>Meu abraço aos Deputados, aos Senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui.</p>
A19	<p>Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.</p>

## ANEXO 2

### PARTICIPAÇÃO DO EX-PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (2003-2010)

Ano	Situação	Pronunciamento	Traduzido?
2005	Reunião de cúpula dos países membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas	Sim, discurso	Não
	Sessão de abertura da Reunião de Alto Nível da Assembleia Geral das Nações Unidas (Metas do Milênio)	Sim, discurso	Não
	Reunião de Alto Nível da Assembleia Geral das Nações Unidas (Metas do Milênio)	Sim, discurso	Não
2006	Abertura do Debate Geral da 61ª Assembleia Geral das Nações Unidas	Sim, discurso	Não
2007	Abertura do Debate-Geral da 62ª Assembleia Geral das Nações Unidas	Sim, discurso	Sim
2008	Encontro especial do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas sobre a crise alimentar	Sim, Mensagem	Não
	Abertura do debate geral da 63ª Assembleia Geral das Nações Unidas	Sim, discurso	Não
2009	Abertura do debate geral da 64ª Assembleia Geral das Nações Unidas	Sim, discurso	Não
	Sessão plenária da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas Mudança do Clima	Sim, discurso	Não
	Sessão plenária de debate informal na Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas	Sim, discurso	Não
2010	Homenagem recebida da Organização das Nações Unidas (ONU) no Dia Mundial de Luta contra a Aids/HIV	Sim, discurso de agradecimento	Não

## ANEXO 3

CAPA DA TRADUÇÃO DO DISCURSO PROFERIDO POR LULA NA 62º  
ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, CONFORME CONCEDIDA PELO  
SECRETARIADO DO PALÁCIO DO ITAMARATY



# BRAZIL

**STATEMENT OF H. E. LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA,  
PRESIDENT OF THE FEDERATIVE REPUBLIC OF BRAZIL,  
AT THE GENERAL DEBATE OF THE 62<sup>ND</sup> SESSION OF THE  
UNITED NATIONS GENERAL ASSEMBLY**

New York, 25 September 2007.

(check against delivery)

## ANEXO 4

DISCURSO DO ENTÃO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
DURANTE A 62º ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, REALIZADA  
EM NOVA YORK E SUA TRADUÇÃO ALINHADA PARA A LÍNGUA INGLESA.

B1	Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do Debate-Geral da 62ª Assembléia- Geral das Nações Unidas:	Statement of H. E. Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Federative Republic of Brazil, at the general Debate of the 62ND Session of the United Nations General Assembly.
B2	Senhoras e Senhores chefes de Estado e de Governo, Senhor Serjam Kerim, presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas, <b>Senhoras e senhores</b> delegados,	Heads of State and Government, Mr. Serjam Kerim, President of the General Assembly of the United Nations, Mr. Ban Ki-Moon, Secretary General of the United Nations, Delegates,
B3	Cumprimento-o, senhor secretário-geral, por ter sido escolhido para ocupar posição tão relevante no sistema internacional.	I congratulate you, Mr. Secretary-General, on having been chosen for such high office within the international system.
B4	Saúdo sua decisão de promover debates de alto nível sobre o gravíssimo problema das mudanças climáticas. É salutar que essa <b>reflexão ocorra no âmbito</b> das Nações Unidas.	I welcome your decision to encourage high-level debates on the extremely grave issue of climate change. It is most appropriate that <b>this discussion take place here</b> at the United Nations.
B5	Não nos iludamos: se o <b>modelo</b> de desenvolvimento global não for <b>repensado</b> , crescem os riscos de uma catástrofe ambiental e humana sem precedentes.	Let us not delude ourselves: if the <b>groundwork</b> of global development <b>is not rebuilt</b> , the risks of unprecedented environmental and human catastrophe will grow.
B6	É preciso reverter essa lógica <b>aparentemente realista</b> e sofisticada, mas na verdade anacrônica, predatória e insensata, da <b>multiplicação do lucro e da riqueza a qualquer preço</b> .	We must overcome the <b>apparently pragmatic</b> and sophisticated notion, which is actually <b>anachronistic</b> , predatory and senseless, <b>that profits</b> and wealth can grow forever, at any cost.
B7	Há preços que a humanidade não pode pagar, sob pena de destruir as	There are prices that humanity cannot afford to pay, at the risk of destroying the

	fontes materiais e espirituais da existência coletiva, sob pena de destruir-se a si mesma. A perenidade da vida não pode estar à mercê da cobiça irrefletida	material and spiritual foundations of our collective existence. At the risk of self-destruction. The preservation of life must prevail over mindless greed.
B8	O mundo, porém, <b>não modificará</b> a sua relação irresponsável com a natureza sem modificar a natureza das relações entre o desenvolvimento e a justiça social.	The world <b>will not correct</b> its irresponsible relationship with nature, however, until we change the way development relates to social justice.
B9	Se queremos salvar o patrimônio comum, <b>impõe-se</b> uma nova e mais equilibrada repartição das riquezas, tanto no interior de cada país como na esfera internacional.	If we want to salvage our common heritage, a new and more balanced distribution of wealth <b>is needed</b> , both internationally and within each country.
B10	A equidade social é a melhor arma contra a degradação do Planeta. Cada um de nós deve assumir sua parte <b>nessa tarefa</b> . Mas não é admissível que o ônus maior da <b>imprevidência</b> dos privilegiados recaia sobre os despossuídos da Terra. Os países mais industrializados <b>devem</b> dar o exemplo. É imprescindível que cumpram os compromissos <b>estabelecidos</b> pelo Protocolo de Quioto.	Social equity is our best weapon against the planet's degradation. <b>Each one of us must do our part</b> . It is unacceptable that the cost of the irresponsibility of a privileged few be shouldered by the dispossessed of the earth. Highly industrialized countries can and must set the example. Full compliance with their commitments under the Kyoto Protocol is indispensable.
B11	Isso contudo não basta. Necessitamos de metas mais ambiciosas a partir de 2012. E devemos agir com vigor para que se universalize a adesão ao Protocolo. Também os países em desenvolvimento devem participar do combate à mudança do clima. São essenciais estratégias nacionais claras que impliquem responsabilidade dos governos diante de suas próprias populações.	This is not enough, however. We need to set more ambitious goals for 2012 onwards. And we should take strong action to ensure universal accession to the Protocol. Developing countries must also help in combating climate change. We need clear national strategies to hold governments accountable to their peoples.
B12	O Brasil lançará em breve o seu Plano Nacional de Enfrentamento às Mudanças Climáticas. A Floresta Amazônica <b>é uma das áreas que mais poderão sofrer</b> com o aquecimento	Brazil will soon launch its National Plan to Combat Climate Change. The Amazon forest is one <b>of the areas most vulnerable</b> to global warming. But the threats cover all continents. They range from greater

	do Planeta, mas há ameaças em todos os continentes: elas vão do agravamento da desertificação até o desaparecimento de territórios ou mesmo de países inteiros pela elevação do nível do mar.	desertification to the outright disappearance of territories or even of entire countries, lost to rising sea levels.
B13	O Brasil tem feito esforços notáveis para diminuir os efeitos da mudança do clima. Basta dizer que, nos últimos anos, reduzimos a menos da metade o desmatamento da Amazônia. Um resultado como este não é obra do acaso. Até porque o Brasil não abdica, em nenhuma hipótese, de sua soberania e nem de suas responsabilidades sobre a Amazônia.	Brazil has undertaken major efforts to minimize the impact of climate change. Suffice it to say that over the last three years we have cut in half the rate of deforestation in the Amazon region. Results like that come as no surprise. Brazil will under no circumstance abdicate either its sovereignty or its responsibilities in the Amazon.
B14	Os êxitos recentes são fruto da presença cada vez maior e mais efetiva do Estado Brasileiro na região, promovendo o desenvolvimento sustentável – econômico, social, educacional e cultural – de seus mais de 20 milhões de habitantes.	The recent achievements derive from an increasing presence of the Brazilian state in the region, fostering sustainable development with economic, social, educational and cultural benefits for its more than 20 million inhabitants.
B15	Estou seguro de que nossa experiência no tema pode ser útil a outros países. O Brasil propôs em Nairobi a adoção de incentivos econômico-financeiros que estimulem a redução do desmatamento em escala global.	I am convinced that our experience can enrich similar endeavours in other countries. In Nairobi, Brazil proposed the adoption of economic and financial incentives to reduce deforestation on a global scale.
B16	Devemos aumentar igualmente a cooperação Sul-Sul, sem prejuízo de adotar modalidades inovadoras de ação conjunta com países desenvolvidos. Assim, daremos sentido concreto ao princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas.	We must also increase South-South cooperation, while promoting innovative modalities of joint action with developed countries. This is how we can materialize the principle of shared but differentiated responsibilities.
B17	É muito importante o tratamento político integrado de toda a agenda ambiental. O Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o	It is very important to adopt an integrated political approach to the environmental agenda as a whole. Brazil hosted the United Nations Conference on Environment and Development the “Rio-



	<p>Desenvolvimento, a Rio-92. Precisamos avaliar o caminho percorrido e estabelecer novas linhas de atuação. Por isso, proponho a realização, em 2012, de uma nova Conferência, que o Brasil se oferece para sediar, a Rio + 20.</p>	<p>92". We need to review what has been achieved since then, and set a new course of action. I propose that we hold a new Conference, in 2012, to be hosted by Brazil, the Rio +20 Conference.</p>
B18	<p>Senhoras e Senhores,</p>	<p>Ladies and gentlemen,</p>
B19	<p>Não haverá solução para os terríveis efeitos das mudanças climáticas se a humanidade não for capaz também de mudar seus padrões de produção e consumo. O mundo precisa, urgentemente, de uma nova matriz energética. Os biocombustíveis são vitais para construí-la. Eles reduzem significativamente as emissões de gases de efeito estufa. No Brasil, com a utilização crescente e cada vez mais eficaz do etanol, evitou-se, nesses 30 últimos anos, a emissão de 644 milhões de toneladas de CO2 na atmosfera.</p>	<p>We will not overcome the terrible impacts of climate change until humanity changes its patterns of energy production and consumption. The world urgently needs to develop a new energy matrix, in which bio-fuels will play a vital role. Bio-fuels significantly reduce greenhouse gas emissions. With its increased and more efficient use of ethanol, over the past thirty years Brazil has kept 644 million tons of CO2 from being emitted into the atmosphere.</p>
B20	<p>Os biocombustíveis podem ser muito mais do que uma alternativa de energia limpa. O etanol e o biodiesel podem abrir excelentes oportunidades para mais de uma centena de países pobres e em desenvolvimento na América Latina, na Ásia e, sobretudo, na África. Podem propiciar autonomia energética, sem necessidade de grandes investimentos. Podem gerar emprego e renda e favorecer a agricultura familiar. E podem equilibrar a balança comercial, diminuindo as importações e gerando excedentes exportáveis.</p>	<p>Bio-fuels can be much more than a clean-energy alternative. They can open up excellent opportunities for over a hundred poor and developing countries in Latin America, Asia and, especially, Africa. They can enhance energy autonomy, without costly investments. They can create jobs and income and promote family farming. They can help balance trade deficits, by reducing imports and generating surplus exportable crop.</p>
B21	<p>A experiência brasileira de três décadas mostra que a produção de biocombustíveis não afeta a segurança alimentar. A cana de açúcar ocupa apenas 1% de nossas terras agricultáveis, com crescentes índices de produtividade. O</p>	<p>Brazil's experience over three decades has shown that bio-fuel production does not affect food security. Sugarcane crops cover just 1% of the country's arable land, and yields continue to rise. People do not go hungry around the world for lack of food, but rather for lack of</p>

	problema da fome no Planeta não decorre da falta de alimentos, mas da falta de renda que golpeia quase um bilhão de homens, mulheres e crianças.	income, which afflicts almost a billion men, women and children.
B22	É plenamente possível combinar biocombustíveis, preservação ambiental e produção de alimentos.	It is entirely possible to combine bio-fuels with environmental protection and food production.
B23	No Brasil, daremos à produção de biocombustíveis todas as garantias sociais e ambientais.	We will ensure that bio-fuel production will comply with all social and environmental guarantees.
B24	Decidimos estabelecer um completo zoneamento agroecológico do País para definir quais áreas agricultáveis podem ser destinadas à produção de biocombustíveis. Os biocombustíveis brasileiros estarão presentes no mercado internacional com um selo que garanta suas qualidades sóciolaborais e ambientais.	Our Government has decided to implement a complete agro-ecological zoning of the country, in order to identify farmland best suited to produce bio-fuels. Brazilian bio-fuels will reach the world market with a seal of assurance for their social, labour and environmental quality.
B25	O Brasil pretende organizar em 2008 uma conferência internacional sobre biocombustíveis, lançando as bases de uma ampla cooperação mundial no setor. Faço aqui um convite a todos os países para que participem do evento.	In 2008, Brazil is set to host an international conference on bio-fuels that will lay the foundations for wide-ranging global cooperation. I invite all countries to participate.
B26	A sustentabilidade do desenvolvimento não é apenas uma questão ambiental, é também um desafio social. Estamos construindo um Brasil cada vez menos desigual e mais dinâmico. Nosso país voltou a crescer, gerando empregos e distribuindo renda. As oportunidades agora são para todos.	Sustainable development is not just an environmental issue; it is also a social challenge. We are making Brazil less unequal and more dynamic. The country is growing again, creating jobs and distribution income. This time, opportunities are being created for all.
B27	Ao mesmo tempo em que resgatamos uma dívida social secular, investimos fortemente em educação de qualidade, ciência e tecnologia. Honramos o compromisso do Programa Fome Zero ao erradicar esse tormento da vida de mais de 45 milhões de pessoas. Com dez anos de	We are paying off a centuries-old social debt, while at the same time investing heavily in quality education, science and technology. We have honoured our commitment to Zero Hunger, by sweeping away this scourge from the lives of over 45 million people. We achieved the first Millennium

	antecedência, superamos a primeira das Metas do Milênio, reduzindo em mais da metade a pobreza extrema no nosso País.	Development Goal ten years ahead of schedule, as we cut extreme poverty by over a half. In the past two years, over 5 million Brazilians have been freed from extreme poverty.
B28	O combate à fome e à pobreza deve ser preocupação de todos os povos. É inviável uma sociedade global marcada pela crescente disparidade de renda. Não haverá paz duradoura sem a progressiva redução das desigualdades.	Fighting hunger and poverty should be the concern of all peoples. A global society held back by growing income disparities is simply not viable. There will be no lasting peace if we do not progressively reduce inequality.
B29	Em 2004, lançamos a Ação Global contra a Fome e a Pobreza. Os primeiros resultados são animadores, principalmente a criação da Central Internacional de Compra de Medicamentos.	In 2004 We launched the Global Action Against Hunger and Poverty. Early results are encouraging, particularly the creation of the International Drug Purchase Facility.
B30	Meus amigos e minhas amigas,	Ø
B31	A Unitaid já conseguiu reduções de até 45% nos preços dos medicamentos contra a Aids, a malária e a tuberculose destinados aos países mais pobres da África. É hora de dar-lhe um novo impulso. Idéias que tanto mobilizaram nossos povos não podem perder-se na inércia burocrática.	UNITAID has already achieved 45% price cuts in drugs used against AIDS, malaria and tuberculosis, for the poorest countries of Africa. Time has come for us to give it a new push. We cannot allow ideas that so mobilized our countries to fade because of bureaucratic inertia.
B32	Mas a superação definitiva da pobreza exige mais do que solidariedade internacional. Ela passa, necessariamente, por novas relações econômicas que não penalizem os países pobres.	The final defeat of poverty, however, demands more than international solidarity. It depends above all on new economic relations that no longer penalize poor countries.
B33	A Rodada de Doha da OMC deve promover um verdadeiro pacto pelo desenvolvimento, aprovando regras justas e equilibradas para o comércio internacional.	The WTO Doha Round should promote a true pact for development, by adopting fair and balanced rules for international trade.
B34	São inaceitáveis os exorbitantes subsídios agrícolas, que enriquecem os ricos e empobrecem os mais pobres. É inadmissível um	Farm subsidies that make the rich richer and the poor poorer are no longer acceptable. We cannot accept agricultural protectionism that perpetuates

	<p>protecionismo que perpetua a dependência e o subdesenvolvimento. O Brasil não poupará esforços para o êxito das negociações, que devem beneficiar sobretudo os países mais pobres.</p>	<p>dependency and underdevelopment. Brazil will spare no effort for a successful conclusion of those negotiations, which must above all benefit the poorest countries.</p>
B35	<p>Senhor Presidente, senhor Secretário- Geral,</p>	<p>Mr President,</p>
B36	<p>A construção de uma nova ordem internacional não é uma figura de retórica, mas um requisito de sensatez. O Brasil orgulha-se da contribuição que tem dado para a integração Sul- Americana, sobretudo no Mercosul.</p>	<p>Building a new international order is no rhetorical turn of phrase; it is a matter of common sense. Brazil is proud of its contribution to South American integration, particularly through Mercosur.</p>
B37	<p>Temos atuado para aproximar povos e regiões, impulsionando o diálogo político e o intercâmbio econômico com os países árabes, africanos e asiáticos, sem abdicar de nossos parceiros tradicionais.</p>	<p>We are working to bring together peoples and regions. We see to enhance political dialogue and economic links with the Arab World, Africa and Asia. And we do so without sacrificing our traditional partners.</p>
B38	<p>Criamos – Brasil, África do Sul e Índia – um foro inovador de diálogo e ação conjunta, o IBAS. Temos realizado inclusive projetos concretos de cooperação em diversos países, a exemplo do que fizemos no Haiti e em Guiné-Bissau.</p>	<p>Brazil has set up an innovative cooperation mechanism with India and South Africa – IBSA. Together we are working on specific projects to help least developed countries, such as Haiti and Guinea-Bissau.</p>
B39	<p>Todos concordamos ser necessária uma maior participação dos países em desenvolvimento nos grandes foros de decisão internacional, em particular o Conselho de Segurança das Nações Unidas. É hora de passar das intenções à ação.</p>	<p>We all agree on the need for increased participation of developing countries in the major international decision- making bodies, the UN Security Council, in particular. Time has come to move from words to action.</p>
B40	<p>Notamos, com muito agrado, as recentes propostas do presidente Sarkozy, de reformar o Conselho de Segurança, com a inclusão de países em desenvolvimento. Igualmente necessária é a reestruturação do processo decisório dos organismos financeiros internacionais.</p>	<p>We appreciate recent proposals by President Sarkozy, to reform the Security Council with the inclusion of developing nations. Review of decision-making processes within international financial institutions is also required.</p>

B41	Senhor Presidente,	Mr President,
B42	As Nações Unidas são o melhor instrumento para enfrentar os desafios do mundo de hoje. É no exercício da diplomacia multilateral que encontramos os meios de promover a paz e o desenvolvimento.	The United Nations is our best tool to deal with today's international challenges. It is through multilateral diplomacy that we find the way to foster peace and development.
B43	A participação do Brasil, em conjunto com outros países da América Latina e do Caribe, na Missão de Estabilização no Haiti simboliza nosso empenho de fortalecer o multilateralismo. No Haiti, estamos mostrando que a paz e a estabilidade se constroem com a democracia e o desenvolvimento social.	Brazil's role, alongside other Latin America and Caribbean nations, in the MINUSTAH Stabilization Mission in Haiti highlights our efforts to strengthen multilateral institutions. In Haiti, we are showing that peace and stability are built with democracy and social development.
B44	Senhoras e Senhores,	Ladies and gentlemen,
B45	Ao entrar neste prédio, os delegados podem ver uma obra de arte presenteada pelo Brasil às Nações Unidas há 50 anos. Trata-se dos murais "Guerra" e "Paz", pintados pelo grande artista brasileiro Cândido Portinari. O sofrimento expresso no mural, que retrata a guerra, nos remete à alta responsabilidade das Nações Unidas de afastar o risco de conflitos armados.	Walking into the building, UN delegates can admire a work of art that Brazil presented to the United Nations 50 years ago. I am referring to the murals that portray "War" and "Peace", painted by a great artist, Cândido Portinari. The suffering so expressively portrayed in the mural on war brings to mind the UN's crucial responsibility in containing the risk of armed conflict.
B46	O segundo mural revela que a paz vai muito além da ausência da guerra. Pressupõe bem-estar, saúde e um convívio harmonioso com a natureza. Pressupõe justiça social, liberdade e superação dos flagelos da fome e da pobreza.	The second mural reminds us that peace is much more than the absence of war. It implies well-being, health and respect for nature. It calls for social justice, freedom and overcoming the scourges of hunger and poverty.
B47	Não é por acaso que o mural "Guerra" está colocado de frente para quem chega, e o mural "Paz", para quem sai. A mensagem do artista é singela, mas poderosa: transformar aflições em esperança, guerra em	It is not by mere chance that those who enter the building face the mural portraying "War" while those who leave see the mural depicting "Peace". The artist's message is simple, but powerful: transforming suffering into hope and war

	paz, é a essência da missão das Nações Unidas.	into peace is the essence of the United Nation's mission
B48	O Brasil continuará a trabalhar para que essa expectativa tão elevada se torne definitivamente realidade.	Brazil will continue to work to materialize these high expectations.
B49	Muito obrigado.	Thank you very much.